



Revista Rosa

Arte e Literatura Queer

rosa

Editorial

Felipe Miguel

Rosa é uma cor que está sempre envolvida em questões de gênero. Para os meninos, é ofensiva; para as meninas, reforça estereótipos. Obviamente, cor é cultural. Se em inglês pink pode ser gíria para vagina, no idioma russo a cor simboliza as lésbicas (розовый, rozovyj), enquanto homens gays são atrelados ao azul-claro (голубой, goluboj).

Há também uma grande tradição da cor na mídia voltada para o público LGBTQ. Na Inglaterra, está o jornal “Pink News”. Na França, há o canal “Pink TV”. Sem contar a extinta revista “The Advocate”, que possuía uma sessão popularmente conhecida como “the pink pages” e em que leitores faziam anúncios pessoais em busca de sexo e relacionamento.

Rosa, encarnada como flor, também está voltada para as questões de gênero e sexualidade. A planta representa a feminilidade; a vagina. É a flor-símbolo de Afrodite e, quando vermelha, está ligada à representação da paixão carnal, virginal ou espiritual.

A rosa vermelha também está relacionada com as pombas-giras, entidades que, na Umbanda, representam também putas, ciganas e, muitas vezes, transexuais. É comum ouvir que muitas delas desencarnaram como mulheres ou travestis que tiveram uma vida sofrida.

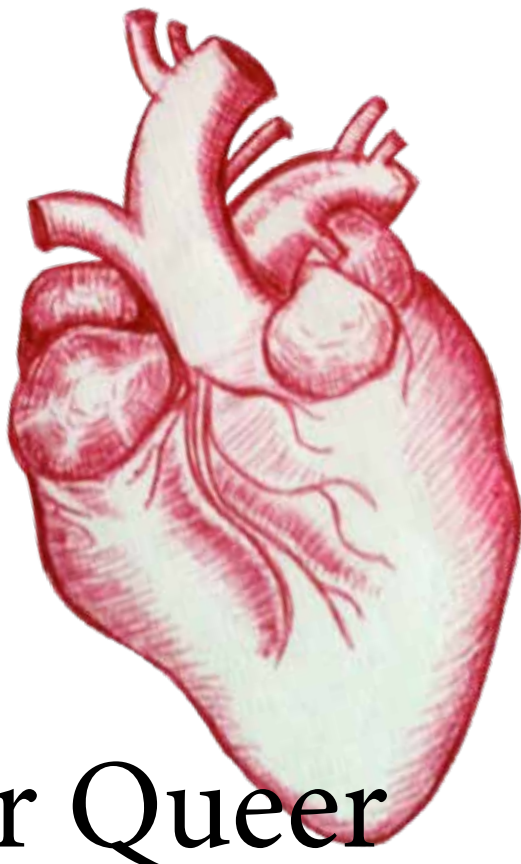
Essa flor também tem tradição editorial no Japão. A primeira revista gay do país — e que circulou por mais tempo ininterruptamente — se chamava Barazoku (A tribo da rosa) e teve seu nome inspirado na história do Rei Laio, da mitologia grega, que tinha encontros com rapazes embaixo de roseiras.

Por último, Rosa também era o sobrenome de João Guimarães, escritor responsável por um dos maiores romances de todos os tempos: “Grande Sertão: Veredas”, que também é considerado por muitos intelectuais, brasileiros ou não, como sendo um dos grandes romances gays do Brasil e do mundo.

Portanto, intitular a revista dessa forma também é uma maneira de dialogar com os tabus políticos e sociais que envolvem a sexualidade dos indivíduos, inclusive de escritores e artistas. Acreditamos, como o precursor João Silvério Trevisan, que se estamos no mundo e exercemos uma sexualidade fora dos padrões estritos, nossos desejos também devem transparecer nas expressões artísticas e cotidianas que criamos, tanto quanto eles aparecem nos cânones de uma literatura de valor heterossexual. Sobre isso, os sonetos de Glauco Mattoso, escritos para nossa primeira edição, falam muito.

Na Roma antiga, a rosa em uma sala indicava que o assunto tratado naquele cômodo deveria ser sigiloso. E apesar da aconchegante a ideia de cumplicidade que isso nos remete, a rosa que colocamos aqui pretende atuar na direção contrária e quebrar esse tipo de sigilo e dissimulação: a literatura queer, no Brasil, existe. E não há razão para continuar trancada.

Em memória de Will Sebastião de Mello



Ser Queer

Paul Goodman

Tradução: Chico Moreira Guedes

Em maneiras essenciais, minhas necessidades homossexuais me tornaram um *nigger*¹. No sentido mais óbvio, tenho sido submetido, é claro, à brutalidade arbitrária de cidadãos e da polícia; mas, fora ter sido derrubado uma vez ou outra, me livreli sem grandes problemas nesses casos. Tenho um bom faro para confusão incipiente e costumava ter pés ligeiros. O que me torna um *nigger* é que não se pressupõe que meu impulso para abordar alguém seja um direito meu. Então fico com a sensação de que essa não é minha rua.

Não reclamo de minhas cantadas não serem aceitas; ninguém pode reivindicar ser amado (exceto crianças pequenas). Mas eu sou menosprezado pelo fato em si de dar cantadas, por ser eu mesmo. Ninguém gosta de ser rejeitado, mas há uma maneira de rejeitar uma pessoa que lhe concede o direito de existir, que só fica abaixo de sermos aceitos. Eu raramente desfrutei desse tratamento.

Allen Ginsberg e eu uma vez chamamos à atenção de Stokely Carmichael para o fato de sermos *niggers*, mas ele nos desconsiderou

sem pestanejar dizendo que nós poderíamos sempre esconder nossa disposição e passar despercebidos. Ou seja, ele nos concedeu a mesma falta de imaginação que normalmente se concede aos negros; para ele nós não existíamos verdadeiramente. É interessante que esse diálogo tenha se passado na TV nacional britânica, esse bastião do sigilo. Mais recentemente, desde a formação do Gay Liberation Front, Huey Newton, dos Black Panthers, deu boas vindas aos homossexuais à revolução, por serem igualmente oprimidos.

Em geral na América, ser um *nigger queer*² não é economicamente e profissionalmente uma desvantagem tão grande quanto ser um *nigger* negro, a não ser em algumas áreas como o serviço público, onde há medo e dissimulação consideráveis. (Em regimes mais puritanos, como a Cuba de hoje, ser queer é um mau negócio profissional e civilmente. Regimes totalitários, sejam comunistas ou fascistas, parecem ser intrinsecamente puritanos.) Mas minha experiência pessoal tem sido bem mista. Já fui despedido três vezes por causa do meu comportamento queer ou por reivindicar meu direito a ele, foram as únicas vezes em que fui despedido. Fui mandado embora da Universidade de Chicago nos primeiros anos de Robert Hutchins; da Escola Manumit, afiliada ao *Brookwood Labor College*, de A. J. Muste; e do *Black Mountain College*. Essas eram instituições altamente liberais e progressistas, e duas delas se orgulhavam de se considerar comunidades. - Francamente, minha experiência com comunidades radicais é que elas não toleram minha liberdade. Apesar disso, sou totalmente a favor de comunidade, porque é uma coisa humana, só que parece que eu estou fadado a ser excluído delas.

Por outro lado, até onde eu sei, meus atos homossexuais e minha reivindicação explícita a eles nunca criaram desvantagem para mim em instituições mais caretas. Ensinei em meia dúzia de universidades estaduais. Sou constantemente convidado, muitas vezes como o principal palestrante, para convenções de superintendentes de escolas secundárias, conselhos de diretores, de conselheiros pedagógicos, forças-tarefa sobre delinquência juvenil, e assim por diante. Falo o que acho

que é verdade - com frequência trata-se de temas sexuais; dou cantadas, se aparece oportunidade, e continuam a me convidar. Até transei algumas vezes, o que é mais do que eu posso dizer de conferências/convenções dos SDS (Students for a Democratic Society) ou da Resistência (ao alistamento obrigatório. NT). Talvez as pessoas sejam tão caretas que não acreditam ou se atrevem a notar o meu comportamento; ou, mais provavelmente, esse pessoal profissionalmente mais careta é mais vivido (nossa palavra antiquada para "cool") e não dá a mínima para o que você fizer desde que eles não tenham que encarar pais ansiosos e a imprensa sensacionalista.

Quando a gente vai envelhecendo, os desejos homossexuais nos deixam mais alertas em relação a adolescentes e jovens, mais do que os desejos heterossexuais, especialmente porque nossa sociedade desaprova fortemente os casos entre homens mais velhos e meninas e mulheres mais velhas e meninos. E, de qualquer forma, no homem a parte homossexual da personalidade é uma sobrevivência da adolescência. Mas nem é preciso dizer que há um limite para essa ponte sobre o abismo entre gerações. Inexoravelmente, eu, como outros homens que frequentam campi universitários, me dou conta de que as sucessivas levas de calouros parecem cada vez mais imaturas e incomunicáveis, e acabamos parando de tentar assaltar o berçário. A música deles não me anima. Depois de um tempo meu melhor contato com os jovens passou a ser com os amigos dos meus filhos, como conselheiro na sua política, e não por desejos sexuais meus. (A morte do meu filho me afastou totalmente do mundo jovem.)

Embora eu tenha sido extremamente pobre até doze anos atrás - criei minha família com a renda igual à de um meheiro - no geral eu não atribuo isso ao fato de ser *queer*, mas à minha total inaptidão, truculência, e má sorte. Em 1945, até o exército me rejeitou como "Material Não Militar" (eles tinham esse carimbo) não porque eu fosse *queer*, mas porque durante o exame enchi o saco de todos com meu ativismo pacifista, e também porque eu tinha a vista ruim e hemorroidas.

Curiosamente, no entanto, escutei de Harold Rosenberg e do finado Willie Poster que meu comportamento sexual me causava danos precisamente no universo literário de Nova York. Por causa dele eu deixava de ser convidado para festas vantajosas onde poderia fazer contatos e conseguir publicação. E só posso acreditar em Harold e Willie, porque eles eram observadores sem preconceitos. O que eu próprio notei é que eu era excluído dos lucrativos círculos literários dominados por marxistas nos anos trinta, e por ex-marxistas nos anos quarenta, porque eu era anarquista. Por exemplo, eu nunca era convidado pelo PEN Club ou pelo Committee for Cultural Freedom. Quando o CCF finalmente me procurou no final dos anos cinquenta, eu tive que recusar o convite porque eles já eram patentemente uma ferramenta da CIA. (Escrevi isso em 61, mas eles se safaram com mentiras.)

Para continuar moralmente vivo, um *nigger* usa vários tipos de malícia, que é a vitalidade dos sem-poder. Ele pode ser aleatoriamente destrutivo, já que sente que não tem nenhum mundo a perder, e talvez consiga impedir os outros de desfrutar o mundo deles. Ou ele pode se tornar um grupista fanático, achando que só os seus pares são autênticos e têm alma. Há *queers* e negros pertencentes a ambas essas categorias. *Queers* são "artísticos", negros têm "alma". (Esse é o tipo da teoria, sinto dizer, que se nega a si própria; quanto mais você acredita nela, mais estúpido se torna; é como tentar provar que você tem senso de humor.)

No meu caso particular, entretanto, ser um *nigger* parece me inspirar a querer uma humanidade mais elementar, mais selvagem, menos estruturada, mais variegada, e onde as pessoas prestem atenção umas às outras. Ou seja, minhas dificuldades deram energia ao meu anarquismo, utopianismo, e gandhismo. Há negros nesse grupo também.

A minha posição política real é fruto de uma reação consciente ao fato de ser um *nigger*. Eu ajo baseado em que "a sociedade na qual eu vivo é minha", esse é o título de um dos meus livros. Considero o Presidente como

Não reclamo de minhas cantadas não serem aceitas; ninguém pode reivindicar ser amado (exceto crianças pequenas).

meu servidor público, a quem eu pago, e o repreendo como um péssimo empregado. Sou mais constitucional do que a Corte Suprema. E diante da grosseira ilegitimidade do Governo - com sua guerra do Vietnam, sua facção industrial-militar, e a C.I.A. - eu me apresento como um patriota antiquado, nem tão submisso nem mais revolucionário do que o necessário para os meus modestos objetivos. Isso é uma posição quixotesca. Às vezes eu me pareço com Cícero.

Quando estão no grupismo *Gay Society* os homossexuais podem se tornar fantásticamente esnobes e apolíticos ou reacionários. Essa é uma ego-defesa compreensível: "Você precisa ser melhor do que alguém", mas seu benefício é muito limitado. Quando eu faço palestras na Mattachine Society, meu sermão invariável é que eles devem se alinhar com todos os outros grupos libertários e movimentos de libertação, já que a liberdade é indivisível. O que precisamos não é de orgulho desafiador e autoconsciência, mas de espaço social para viver e respirar. O pessoal do *Gay Liberation* finalmente entendeu a mensagem da liberdade indivisível, mas eles têm o fanatismo usual do Movimento.

Mas há um lado positivo. Pela minha observação e experiência a vida *queer* tem notáveis valores políticos. Pode ser profundamente democratizante, juntando todas as classes e grupos, mais do que a heterossexualidade consegue. Sua promiscuidade pode ser uma coisa linda (mas seja prudente em relação a doenças venéreas).

Eu já cacei ricos, pobres, classe média e pequenos burgueses; pretos, brancos, amarelos e marrons; acadêmicos, esportistas amadores, universitários medíocres filhos-de-papai, e vagabundos; homens do campo, pescadores, ferroviários, trabalhadores das indústrias pesada e leve, das comunicações, negócios e finanças; civis, soldados e marinheiros, e, uma ou duas vezes, policiais. (Mas provavelmente por motivos edipianos tenho a tendência a ser sexualmente antissemita, o que é um saco.) Há algum tipo de significado político, creio, no fato de existirem tantos seres

humanos atraentes; mas o que é mais significativo é que as muitas funções que eu exerço profissionalmente e economicamente não estão exatamente definidas, retêm certa animação e sensualidade. O HEW, em Washington, e a Escola 201, no Harlem, não são uma perda de tempo total, embora eu fale para as paredes em ambos os lugares. Tenho com que me ocupar nos trens, ônibus e durante as esperas cada vez mais longas nos aeroportos. Em resorts de férias, onde as pessoas ficam idiotas porque estão de férias, tenho um motivo para frequentar garçons e camareiros, que estão trabalhando para ganhar a vida. Tenho alguma coisa para fazer em protestos pela paz - música de guitarra não me anima - embora, sem dúvida, os arquivos da TV e o FBI tenham fotos de mim passando a mão em alguém.

As características humanas que afinal têm importância para mim e podem ganhar minha amizade duradoura são bem simples: saúde, honestidade, não ser cruel ou ressentido, disponibilidade, e doçura de personalidade ou de feições. Refletindo sobre isso agora, só a estupidez óbvia, a limpeza obsessiva, o preconceito racial, a insanidade, e a bebedeira ou o uso habitual de drogas realmente me causam rejeição.

Na maioria das sociedades humanas é claro que a sexualidade sempre foi uma área a mais na qual as pessoas podem ser injustas, os ricos comprando os pobres, machos abusando das fêmeas, sahibs usando os *niggers*, adultos explorando os jovens. Mas acho que isso é neurótico e não traz a maior satisfação. São Tomás, que foi um grande filósofo moral, embora ruim na metafísica, diz que a principal utilidade do sexo - tomando separadamente da lei natural da procriação - é permitir conhecer outras pessoas intimamente. Essa tem sido minha experiência.

Uma crítica comum da promiscuidade sexual tem sido, é claro, a de que ao invés de democracia ela envolve uma superficialidade terrível da conduta humana, e assim seria um arquétipo da idiotice da vida urbana massificada. Tenho minhas dúvidas de que esse seja realmente o caso, embora eu não saiba; como no caso do pessoal que frequenta galerias de

No meu caso particular, entretanto, ser um *nigger* parece-me inspirar a querer uma humanidade mais elementar...

arte, não sei a quem a arte diz alguma coisa e quem fica ainda mais confuso - mas ao menos alguns estão procurando alguma coisa. Um homem ou mulher jovem fica se preocupando: "Ele está realmente interessado em mim, ou só no meu corpo? Se eu fizer sexo com ele, ele vai me considerar como um nada". Eu considero essa distinção sem sentido e desastrosa; na verdade eu sempre me comportei de maneira exatamente oposta, e muitas das minhas lealdades pessoais de vida inteira tiveram início com sexo. Mas isso é a regra ou a exceção? Considerando a frieza e fragmentação usual da vida comunitária atual, meu palpite é de que a promiscuidade sexual enriquece mais vidas do que as torna insensíveis. Não é preciso dizer que se tivéssemos melhor comunidade, teríamos também uma vida sexual melhor.

Não posso dizer que minha própria promiscuidade (ou tentativas de) tenha evitado que eu ficasse possessivamente enciumado de alguns dos meus amantes - mais de mulheres do que de homens, mas de ambos. Minha experiência não tem demonstrado o que Freud e Ferenczi parecem prometer: que a homossexualidade diminui essa paixão voraz, cujas causas eu não compreendo. Mas o ridículo da inconsistência e da injustiça da minha atitude tem me ajudado a rir de mim mesmo e me impedido de exagerar.

Às vezes é a caçada sexual que me leva a um lugar onde conheço alguém - por exemplo, eu costumava rondar bares perto do cais; às vezes estou em um lugar por outro motivo e caço por acaso - por exemplo, vou para o estúdio de TV e dou uma cantada no câmara; às vezes as duas coisas vêm juntas - por exemplo, gosto de jogar handebol e tenho interesse sexual em parceiros de handebol. Mas no final é tudo a mesma coisa, porque em todas as situações eu costumo pensar, falar e agir da mesma forma. Fora ajustes cortesias comuns de vocabulário - mas não de sintaxe, que altera o caráter - eu falo das mesmas coisas e não uso máscaras diferentes, ou me vejo de repente com uma personalidade diferente. Talvez haja duas razões opostas pelas quais eu consigo manter minha integridade: por um lado, tenho um intelecto forte o suficiente para perceber como as pessoas são de verdade neste nosso

único mundo, e para conseguir fazer contato com elas independentemente de diferenças de formação; por outro lado, é provável que eu esteja tão fechado nas minhas pressuposições que nem noto obstáculos óbvios impedindo a comunicação.

O jeito como eu realmente abordo não tem feito grande sucesso. Como eu não uso meus dons para manipular a situação, eu raramente consigo o que quero dela. Como não traio meus próprios valores, não me insinuo para agradar. Meu igualitarismo aristocrático afasta as pessoas, a não ser que elas sejam seguras de si mesmas o suficiente para também serem aristocraticamente igualitárias. Ainda assim, o fato de eu não ser falso ou manipulador também tem impedido pessoas de desgostarem ou se ressentirem de mim, e normalmente eu tenho a consciência limpa, não há muita mentira ou papo-furado para varrer fora.

Ter-me tornado uma celebridade nestes últimos anos, no entanto, me prejudicou sexualmente, mais do que ajudou. Por exemplo, universitários jovens e íntegros que poderiam gostar de mim e que costumavam me procurar, agora mantêm uma distância respeitosa do homem ilustre. Talvez achem agora que eu só posso estar interessado no corpo deles, e não neles mesmos. E outros, que me procuram somente porque eu sou muito conhecido, parecem entrar em pânico quando fica claro que eu não dou a mínima para isso, e me porto como eu mesmo. Claro que uma explicação mais simples para a piora da minha sorte é que eu estou mais velho a cada dia, provavelmente mais feio, e certamente cansado demais para tentar com afinco.

Como regra eu não acredito em pobreza e sofrimento como uma maneira de aprender nada, mas, no meu caso, as dificuldades e a carência da minha inepta vida *queer* tiveram a utilidade de simplificar minhas noções do que é uma boa sociedade. Como no caso de qualquer viciado que não consegue sua dose facilmente, essas coisas têm me mantido em contato direto com a fome material. Assim eu não consigo levar o Produto Interno Bruto muito a sério, nem status nem credenciais, nem soluções tecnológicas grandiosas, nem

política ideológica, incluindo movimentos de libertação ideológicos. Para uma pessoa esfomeada o mundo tem que se apresentar na forma de gêneros alimentícios. Mas não é o que acontece. Eu aprendi a ser modesto nas minhas metas para a sociedade e para mim mesmo: coisas como ar limpo, grama verde, crianças com brilho nos olhos, não ser empurrado pra lá e pra cá, trabalho útil que se adapta às nossas habilidades, comida simples e gostosa, e uma fugidinha ocasional satisfatória.

Uma feliz propriedade dos atos sexuais, e talvez especialmente de atos homossexuais, é que eles são sujos, como a vida: como Agostinho disse, *Inter urinas e feces nascimur*, nascemos no meio de mijo e merda. Numa sociedade tão classe-média, ordeira, e tecnológica como a nossa, é bom romper o enojamento, que é um fator importante no que é chamado racismo, bem como na crueldade com crianças, e no isolamento de doentes e moribundos. A natureza ilegal e pegue-o-que-der-para-pegar de grande parte da vida homossexual atual rompe outras atitudes convencionais. Embora eu desejasse ter feito minhas festas com menos apreensão e menos pressa, foi uma vantagem aprender que fins de cais, traseiras de caminhões, becos dos fundos, atrás das escadarias, cabines de praias abandonadas e banheiros de trens são amostras adequadas de todo espaço que há. Para bem e para mal, a vida homossexual retém algo do alarme e excitação da sexualidade infantil.

É danoso para as sociedades reprimir qualquer vitalidade espontânea. Às vezes é necessário, mas só raramente; e certamente não no caso dos atos homossexuais, que, até onde eu ouvi falar, nunca fizeram mal a ninguém. Parte da hostilidade, paranoia, e competitividade automática da nossa sociedade resulta da inibição de contato físico. Mas de uma maneira muito específica, a proibição da homossexualidade causa dano e despersonaliza o sistema educacional. A relação professor-aluno é quase sempre erótica. As únicas outras motivações psicológicas saudáveis são a mãe protetora, relevante no caso de crianças pequenas, e o profissional que precisa de aprendizes, relevante para as escolas de graduação. Se houver medo e preocupação de que os senti-

mentos eróticos podem se converter em sexo, abertamente, a relação professor-aluno falha ou, pior, se torna fria e cruel. E nossa cultura se ressentida enormemente da falta de amizades pedagógicas sexuais, homossexuais, heterossexuais e lésbicas, que foram proeminentes em outras culturas. Sem dúvida uma sexualidade funcional é provavelmente incompatível com nosso sistema educacional massificado. Essa é uma entre muitas razões porque ele deveria ser desmantelado.

Me lembro que, quando *Growing Up Absurd* tinha recebido várias críticas fulgurantes, finalmente um crítico irritado, Alfred Kazin, sugeriu sombriamente que eu havia escrito sobre meus delinquentes porto-riquenhos (e chamei eles de "mancebos") porque eu tinha atração sexual por eles. Que novidade. Como eu poderia escrever um livro perceptivo se eu não prestasse atenção, e por que eu iria prestar atenção em alguma coisa a não ser que por algum motivo ela me interessasse? A motivação da maior parte da sociologia, seja ela qual for, tende a produzir livros piores. Duvido que alguém diga que minha observação de adolescentes delinquentes ou dos universitários do movimento estudantil foi prejudicada pelas minhas paixões. Mas quero bem a eles, sim. – Claro, eles poderiam até dizer, "Com um amigo desses, quem precisa de inimigos?"

Mas é verdade que um lado ruim das dificuldades e perigos da vida *queer* na nossa sociedade, como em qualquer situação de escassez e fome, é que nos tornamos obsessivos e fixados em relação a ela. Eu certamente gastei um número excessivo de horas ansiosas da minha vida caçando, que poderia ter gasto passeando com outros propósitos, ou com nenhum, cultivando meu espírito. Mas acredito que tive a energia, ou a teimosia, de não deixar minha obsessão turvar minha honestidade. Até onde sei, nunca elogiei um mau poema de um rapaz por ele ser atraente. Mas é claro que fico especialmente contente se o poema for bom e eu puder dizer isso. E melhor ainda, é claro, se ele for meu amante e me mostrar algo que me deixe orgulhoso e que eu possa empurrar para um editor. Sim, já que eu comeci essas reflexões com uma nota

*We have a crazy love affair
It is wanting each other to be happy.
Since nobody else cares for that
we try to see to it ourselves*

*Since everybody knows that sex
Is part of love, we make love.
When that's over, we return
to shrewdly plotting the other's advantage.*

*Today you gazed at me, that spell
is why I choose to live on.
God bless you who remind me simply
of the earth and sky and Adam.*

*I think of such things more than most
but you remind me simply. Man,
you make me proud to be a workman
of the Six Days, practical³.*

amarga, deixe terminá-las com um poema feliz de que eu gosto, do meu livro *Hawkweed* (poema acima).

Pesando tudo, não sei se minha escolha, ou compulsão, de uma vida bissexual me tornou especialmente infeliz ou apenas medianamente infeliz. É óbvio que toda maneira de viver tem seus problemas, ter ou não ter pai, ser casado ou solteiro, ser fortemente sexuado ou mais assexuado, e assim por diante; mas é difícil julgar a experiência dos outros, fazer uma comparação. Senti persistentemente que o mundo não foi feito para mim, mas tive bons momentos. E trabalhei um bocado, criei filhos lindos, e cheguei aos 58 anos de idade.

Notas de tradução

1 N.T.: a decisão de manter *nigger* no original em inglês decorre da impossibilidade de traduzir fielmente a carga fortemente pejorativa e racista que o termo carrega historicamente na cultura estadunidense. *Nêgo, negão, crioulo* ou termos assemelhados, aparente soluções,

não dão conta da força negativa que *nigger* adquiriu no contexto do racismo nos Estados Unidos.

2 N.T.: a decisão de manter o termo *queer* reflete a opção que tem sido feita universalmente nos textos dos estudos gays traduzidos em várias línguas onde ele aparece no original. O termo *queer*, tradicionalmente usado com o sentido de estranho, anormal, aquilo ou aquele que não está de acordo com uma presumida normalidade, foi apropriado por vários autores preocupados com as questões da sexualidade, sobretudo antes do termo gay se tornar corrente, como foi o caso do autor.

3 Tradução literal: Nós temos um louco caso de amor / e queremos a felicidade um do outro. / Como ninguém mais se importa com isso / nós tentamos resolver isso sozinhos. / Como todos sabem que o sexo / faz parte do amor, fazemos amor. / Quando isso termina, voltamos / a conspirar a vantagem um do outro. / Hoje você ficou me olhando, aquela magia / é o motivo por que escolho continuar vivendo. / Deus bendiga você que me lembra simplesmente / da terra, céu e de Adão. / Eu penso nessas coisas mais do que a maioria / mas você me lembra simplesmente. Homem, / você me faz orgulhoso de ser um trabalhador / dos Seis Dias, prático.

Paul Goodman nasceu em Nova York, Estados Unidos, e foi sociólogo, poeta, romancista, crítico social, filósofo anarquista e psicoterapeuta.

Chico Moreira Guedes é bacharel em Letras pela UFRJ, professor de inglês, estudioso de idiomas e tradutor. A tradução de "Being Queer" foi fruto de uma solicitação de Jonathan Lee, produtor e diretor do documentário "Paul Goodman Changed My Life", lançado nos EUA em outubro de 2011.



TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Thiago Barbalho

I

lucas escrevia poemas em papel seda
depois enrolava e fumava
achava graça ou sentido nos seus cigarros
eu só achava forçado
mas gostava muito de lucas
pra recusar uns tragos
lucas na faculdade
trocava aulas de filosofia da linguagem
por conversas nos corredores
que não levavam a lugar algum
lucas desdenhava do meu interesse
quase obsessivo por filosofia analítica
eu interpretava seu desdém como um protesto
contra as coxinhas da cantina
eu dizia lucas eu não te entendo
vagabundo e vegetariano
becks de poemas ruins
mas não pense que escapa
dos conceitos das palavras
só por queimá-las em brisas
posso te definir agora mesmo
e ele me enfrentava com seu rosto
de adolescente em 2002
dava um trago na métrica
e me beijava pela fumaça
lucas usava palavras
como ninguém nunca mais usou
lucas me dava aulas
de escrita criativa
lucas não tinha planos pra nada
lucas vivia à vontade

II

dario era um chef
com quarenta anos
nas costas
dario gostava de ficar
de frente pro fogão
aos sábados
e dar gosto ao pão
com ervas danosas
dario
um dia chegou
com um saco de arroz
daqueles em que os caras escrevem
nos grãos
os nomes das pessoas
e vendem como enfeites
ou joias ou bibelôs
dario disse
olha o que eu trouxe
vou te fazer um risoto
qual o nome do risoto, dario
soneto pro estômago
dario disse
o saco de arroz
estava cheio
de poesia ou comida
não perecível
tanto faz
que bobagem
pensei – mas não disse
dario
quando inventava
era meio novo rico
meio mecenas
dario me cansava
enfiava um agrado
no meu prato
sempre que dava
dario
não era assim interessado
em me ler

e sim em meter
na boca
a minha juventude
mandei gravar nos grãos
dario disse
aquele poema seu
sobre meus risotos
al dente
dario disse
e preparou o prato
já eu
não tinha o que dizer
eu só tinha dezessete
que saco
essa armação
pra quê
dario não era espontâneo
no apego
apesar dos quarenta
nas costas
dario
quando queria me agradar
errava a mão
por excesso
dario
cozinhou as palavras
por excesso
dario
tentou me envenenar
por excesso
dario
viu a minha adolescência
por excesso
me deu de comer
por excesso

III

ludwig e eu nos víamos toda noite
na faculdade de filosofia
um dia a gente se beijou
numa festa na casa do professor
de estudos da mente II
levei ludwig pra casa e no dia seguinte
me levantei pra trabalhar
ludwig já tinha ido embora
fiz café enchi a xícara fui pro banheiro
me sentei no vaso
vi o recado no papel higiênico
: bom dia bom domingo
: seu pau tem gosto de umbigo
ludwig ainda dormiu algumas vezes
na casa que eu dividia com mais três
ludwig deixava recados no neve dupla face
ludwig sabia como me dar bom dia
mas que lugar estranho
ludwig quem diria

IV

o turco era um turco
que eu pegava na Holanda
quando larguei a universidade
pra invadir a vida
o turco foi meu grande ♥
mesmo porque não deu em nada
e o que não acontece
tende sempre a ♥
o turco me tratava como irmão caçula
me chamava de little poet
o turco fazia pós-doutorado em eng.
mecânica
lia *os demônios* no banheiro e *enquanto*
agonizo na cama
ouvia coltrane e caetano
ouvia-me cantar a chiquita bacana
eu via as coisas turcas do turco
como as fotos turcas da família turca do
turco
e dizia me dá mais
e ele me dava o seu sorriso
turco
que eu traduzia simultaneamente
em metáforas bem pobres
metáforas de encanto
honestas portanto
o turco me contou
que num carnaval
tinha visitado Natal
de onde teve uma péssima impressão
eu nunca tinha ido à Turquia até então
mas ia e vinha no turco
não uma vez mas várias

little poet o turco dizia
eu me apego a quem me chama pelo nome
não uma vez mas várias
o turco também me chamava de little mermão
tinha aprendido essa gracinha
com algum carioca mais velho
e mais elaborado
que eu & a cidade de onde venho
Natal é uma pasmaceira eu sei
mas tem praias e tem eu
que gosto de metáforas honestas
especialmente as mais pobres
de encanto
o turco fazia piadas em inglês
eu era lento e ria em delay
o turco ouvia minha língua que dança
o turco encontrava em mim uma criança
brincando de invasão holandesa
e de índio-quer-vingança
o turco me viu e me chamou
o turco não sabia lidar com incesto
o turco me viu bem direitinho

Thiago Barbalho nasceu em Natal e vive em São Paulo.
Publicou a novela “Thiago Barbalho vai para o fundo do poço”
(Edith, 2012) e mantém o blog
<http://contemsolventes.wordpress.com>

ECOS

Leonardo Boiko

O sol ainda não havia nascido quando Mel saiu do cinema. O vento frio e molhado deixava suas bochechas vermelhas. Se alguém estivesse vendo seu rosto, teria a impressão de que os círculos nas bochechas eram de um tom tão vívido quanto o escarlate do cachecol; esses poucos traços de cor destacavam-se do fundo preto de cabelos e lã. Mel caminhava ainda pisando em outro mundo, a cabeça como que ressoando por dentro com uma emoção sem nome que ficou do último filme, uma impressão geral confusa mas envolvente. O filme era um De Sica; Mel achou a mensagem marxista meio forçada, mas havia algo de mais universal por baixo, um não-sei-o-que de melancolia... Ela teve um impulso inesperado de conversar sobre o diretor. A blusa começava a esquentar demais, e ela abriu um botão, mas imediatamente sentiu-se invadida pelo ar frio. Ônibus e pedestres corriam pela avenida perseguindo objetivos desconhecidos, incognoscíveis.

Quando Mel entrou na padaria, seu nariz estava gelado, escorrendo um pouco. Ela se sentou, tirou uma folha de papel fino do porta-guardanapo, e se limpou discretamente. Um pingado, pediu, mas ninguém ouviu. Levantou a mão enquanto se apoiava desajeitadamente no balcão, tentando chamar a atenção. Certa vez lhe haviam dito que ela falava “para dentro”, mas Mel não sabia o que isso queria dizer, ou como começar a falar “para fora”. Sua própria voz lhe soava oca, cambaleante. O jornal da manhã mostrava algo sobre dois irmãos que, confundidos com gays ao se abraçarem, foram agredidos na rua— o volume era alto demais para o alto-falante, e a narração zumbia estridente. O café, como o de qualquer lugar em São Paulo, estava horrível, ao mesmo tempo queimado e doce — ela pensou em pedir sem açúcar, mas concluiu que eles provavelmente não teriam, e ficou quieta. Pediu, ao invés disso, um pão de queijo para disfarçar o gosto.

Mel olhava pela janela distraidamente, a fim de evitar os olhares dos freqüentadores. O pão de queijo estava bem quente. Era a estação do ipê amarelo, e duas árvores próximas uma da outra cobriam o chão de retalhos luminosos.



Mel andava pelo bairro a esmo. Apesar de ter passado a noite acordada, ainda não queria voltar para casa. Sentou-se nas escadarias que ligavam uma ruela à outra. O sol pressionava com suavidade toda a extensão de sua pele. Um gato no muro desinteressava-se por tudo. Ela se deitou, sentindo as quinas dos vários degraus espetando as costas em vários pontos. O que é impressionante nesta cidade é que você pode estar cercada de amigas, parentes, colegas, e ainda assim viver completamente sozinha, pensou.

Ela morava com a mãe, mas não conversavam realmente exceto para dividir tarefas. Não que não gostasse dela, mas... Na faculdade não conheceu ninguém a fundo, e nos últimos anos havia se desiludido com a área, de forma que não encontrava disposição para ir trabalhar. Ainda tinha uma boa reserva de dinheiro, porém, e se deleitava com esse limbo que é não ter ambição. Pedrinhas mornas roçavam a palma da mão quando ela se mexia. De tempos em tempos o espaço era invadido pelo som de um motor vindo, depois indo. Finalmente a impaciência chegou, e ela se levantou e começou a subir a escada, de cabeça pesada.



Eram quatro da manhã quando o segundo filme acabou, e a privação de sono apenas ampliava o efeito de outro-mundo que o cinema sempre causava em Mel. Ela adorava as “noitadas”, mas os períodos de espera eram ainda piores que os das sessões normais; a impressão que tinha era que todo mundo era um casal, menos ela. Conversas animadas, risadas, muito barulho... As vozes se confundiam em um ruído in- distinto. Mel aguardava o próximo filme sentada em um banco elevado mas pequeno, em uma mesinha elevada mas pequena, tudo mármore e metal tão frio que grudava ao toque. O cinema estava lotado e ela era literalmente a única pessoa sozinha em uma mesa. O café marrento como que puxava os cantos de sua boca para baixo. Mel tentava não olhar para ninguém, mas seu olhar de zumbi insone saltava involuntariamente, fixando-se por um segundo e meio em uma pessoa depois outra: uma moça da limpeza, uniformizada, ignorada, como se não-existente, como se um assistente de palco no teatro de bonecos japônês; uma loira de sobretudo vermelho curto, de costas, dirigindo-se ao balcão; um homem obeso com um saco enorme de pipoca exageradamente amarela; um rapaz ruivo, sobrelha ruiva, sardas ruivas, olhos verdes ruivos, tão ruivo como se fosse feito de fogo; uma mulata em um vestido africano, lindíssimo, losangos verdes e azuis e vermelhos, rindo em uma rodinha de amigos; novamente a loira, agora voltando; a moça da limpeza descendo a escada; o obeso comendo...

Mel gostaria de pular pela janela, de gritar palavras sem sentido, de dar um tapa em alguém e ser presa. Ao invés disso, levantou a xícara de café até a porcelana tocar o macio dos lábios, redondo contra redondo, branco contra pálido, morno contra frio, e sorveu com ruído. Não conseguia não olhar para a loira. Seu casaco, de couro brilhante, ia até o meio das coxas, e suas botas passavam dos joelhos. Mel gostaria de rotular o estilo como vulgar e esquecer o assunto, mas era impossível; para ser franca, a mulher era excessivamente bonita, tinha segurança demais no porte. Entre o casaco e as botas havia uma pequena área de pele branca exposta. Era esta área que prendia seu olhar—ou melhor, que perfurava seu olhar, como um punção perfura isopor. A loira caminhava ondulando como um espírito maligno da floresta. E ela andava em sua direção, e como em um sonho a direção não mudou, e ela continuou se aproximando com esses movimentos surreais até alcançar a mesa de Mel, onde se sentou colocando outra xícara.

— Então, o que achou?, disse de forma aveludada, depois de um silêncio quase mas não realmente desconfortável.

— Hã?, respondeu Mel.

— O filme. Você gosta? É seu tipo de coisa?

— Ah... gosto! Gostei muito, digo. É tão aberto a interpretações, né, não acho que exista uma leitura verdadeira, mas a audiência ajuda a fazer o filme...

— E você não pode simplesmente relaxar.

— Exatamente! Você está trabalhando! É o contrário de um filme de shopping. Ele não te dá a mão...

— Mas sei lá, eu acho que o Lynch deixou meio... óbvio? Tipo, mamãe eu fiz um filme cult?

Ela bebia algo não muito escuro, cappuccino ou chocolate talvez. Alguma parte da mente de Mel

pensou que esta foi a primeira vez que ela gostou tanto do jeito que alguém enunciou a palavra “tipo”. Mel estava sentada de frente, e a desconhecida de lado, casualmente. Não conseguia fazer sentido daquela situação. Por um lado, estava tudo errado, como se o filme tivesse vazado para além da tela—a vida real não deveria funcionar assim. Ao mesmo tempo estava tudo completamente certo, é assim que deveria ter sido desde o começo. O couro vermelho de seu casaco parecia abraçar sua pele, e essa pele era a própria imagem da maciez. A faixa branca e nua nas coxas era uma área absoluta.

— Eu vou acabar perdendo uns quilos, disse ela, sorrindo, rosto repousando nas pontas dos dedos, as unhas exibindo um tom de vermelho que Mel não sabia que existia.

— O quê?... Desculpa! Eu não...

— Pode olhar, eu não ligo. Ela se virou de frente, olhou-a de frente. — Você é modelo? O rosto dela reconfigurou-se em uma expressão indefinível, e ela riu alto. Essa foi a primeira vez que Mel viu Cíntia rir, e ela nunca mais se esqueceu desse momento.



Cíntia não era modelo e sim botânica; veio para São Paulo para trabalhar na tese de doutorado. Mel tentou imaginá-la de cáquis, suja de terra em uma barraca, examinando alguma raiz ainda com formigas e húmus, mas era como tentar imaginar um círculo quadrado. Elas saíam todo sábado, como em um ritual, e ficavam conversando o resto da semana pelo computador ou celular.

Se, ao sair do cinema, uma pessoa curiosa virar à esquerda, passar pela sex shop, andar até o fim do viaduto e descer o barranco, ela encontraria uma figueira enorme, com raízes multiformes como um mobiliário alienígena. Mel e Cíntia haviam dividido um martini naquela noite e depois descido para essas raízes, onde se abrigaram da cidade. Havia uma única estrela visível no céu, Vênus. Mel falou em comprarem juntas um telescópio, ir para Itapeverica ou Atibaia nos feriados. Cíntia falou sobre como as madrugadas ao relento são frias mesmo no verão, sobre casacos de pele e pupilas dilatando e como perdemos estrelas à medida que envelhecemos.

Elas soltaram as mãos quando emergiram na luz da avenida. Cíntia sempre ficava com Mel no ponto até que o ônibus chegasse, mesmo que demorasse (e sempre demorava). Mel ainda tinha uma sensação que ela era irreal, e a qualquer momento iria se desfazer em uma nuvem de andorinhas ou algo do tipo. Mas por horas depois o cheiro dela permanecia inegável em suas roupas—uma experiência inédita.

O ipê branco na rua de casa estava em flor. De alguma forma Mel nunca havia notado sua existência, apesar de ter morado lá a vida inteira. Na verdade ela nunca tinha prestado atenção em nenhum ipê branco. Era mais discreto que o amarelo, mas também bem mais bonito quando você olhava para ele. A textura luminosa das flores contra a lua crescente a fazia pensar em Cíntia. Muita coisa a fazia pensar em Cíntia.

Ela se atirou na cama, bêbada à-toa, sem falar com a mãe.



— Talvez a gente esteja se arriscando demais.

— A vida é melhor assim, respondeu ela. Mas acrescentou a seguir: Nós realmente deveríamos pagar por um lugar mais particular.

Mel concordou com a cabeça, mas não disse nada. A simples idéia de encarar o sorriso de algum recepcionista era suficiente para que se sentisse com enjôo. Mas, se não isso, onde?...

Cíntia havia parado há algum tempo, mas em certos momentos a vontade de fumar voltava incontrollável. Por sorte, não havia onde conseguir um cigarro por ali. Elas haviam ido para casa depois do filme; Cíntia morava em uma república com três outras estudantes. Mel ficou sentada à mesa enquanto Cíntia fazia seu penne ao pesto. Comeram de frente uma para a outra, conversando animadamente sobre MPB e urbanismo.

Sem aviso, Vitória apareceu sob o batente branco da porta. Era uma das moradoras, gaúcha, fazia enfermagem. Cíntia achava sua voz enjoada.

— Você não arrumou a cama de novo?

Cíntia pousou o garfo pausadamente, olhou para Vitória, falou com deliberação:

— E?

— Você não mantém a casa limpa? É horrível chegar cansada e ver aquela zona.

— Eu mantenho a casa arrumada, disse, respirando fundo. Se mantenho ou não o meu quarto é problema meu. A regra da casa é assim, Vitória.

— Você devia tomar cuidado com como fala, Cíntia.

Elas sustentaram o olhar por um momento, e Vitória deu as costas. Cíntia afagou de leve a mão de Mel e disse:

— Não ligue, não é com você. Ela é assim mesmo, fica estressada e desconta em todas. É por essas que é difícil dividir casa...

— Acho que é melhor eu já ir.

— Não, por favor, não. Vou me sentir mal se você for embora por causa disso.

— Não é isso, é que já está tarde mesmo.

Mel havia notado, quando chegaram no prédio, que alguém tinha rabiscado a palavra “sapata” em uma parede, sobre um padrão ríspido de tinta velha. A letra era infantil, e Mel sentiu-se boba por se incomodar com isso. Provavelmente não era nada. Mas a rua era escura, e ela se pegou olhando para trás...

Cíntia ficou com ela no ponto, dizendo coisas doces até o ônibus chegar. Só então se abraçaram. Caía a garoa fina da primavera.



Elas estavam sentadas nas escadarias do bairro, quietas. Não sentiam necessidade de preencher o silêncio. De vez em quando um carro passava. Mel ainda sentia na boca o aroma de cheiro verde, a película oleosa de gordura de frango, sal; frango à passarinho era o prato especial da mãe, que ela fazia um domingo por mês ou quando recebiam visitas. Mel pensou que aquele prato era o resumo de sua vida até então— parecia um programa tão infantil para se trazer alguém como Cíntia, mas mesmo assim ela se sentia de alguma forma satisfeita de tê-la mostrado seu cotidiano. Era como um conto ao contrário: a fada desceu e provou da comida da terra. Mas de um jeito ou de outro, já passava da hora de conseguir sua própria casa, de ir para algum outro lugar, de abrir mão do frango à passarinho.

Cíntia, de sua parte, estava quase completamente à vontade e nada disso lhe passaria pela cabeça.

O ipê branco já quase não tinha flores, e alguém havia apagado a luz das poucas que sobraram. Sequer parecia a mesma planta. Foi só impressão que durou tão pouco?... Cíntia murmurava baixinho uma melodia que Mel não conhecia. Mel deitou a cabeça. Não conseguia imaginar como seria o futuro mas sentia-se confiante em seu próprio roteiro.



MANIFESTO GORDX

Constanza A. Castillo

O punk nunca fará dieta

Anarkorporeos

O punk nunca fará dieta

Nosso corpo, o primeiro inimigo
é agora, no presente, Gordx
Porque ninguém nasce gordo, se torna..
Declaramos, "algumas garotas são maiores do que outras"
Somos xs anarKorporeos.

Nós proclamamos;
antes de tudo, reconstruiremos nossas vidas a partir do que somos, do que importa,
o transbordamento, o leitão que deseja viver,
Somos gulosxs e tentadxs, puro Eros transformado em prazer por boa comida e bacanal
Gostamos do calor que a gordura nos fornece nos dias de inverno
E frente a uma cultura de modéstia, boa aparência e boas maneiras,
Nós somos a trincheira do fascismo e ditadura da pele
Somos vida transbordada de prazer oral
Porque nós amamos comer e não queremos reprimir nossos desejos
Apenas para agradar a família, ou algumx parceirx sexual aleatórix, ou aquele chefe que não quis
me contratar pela má aparência
Somos a denúncia ambulante das inconsistências da democracia dos corpos,
a qualquer custo.
Por que nós não comprometemos os prazeres do nosso estômago,

Nós somos aquelxs que não resistem a desaparecer perante o emagrecimento das diferenças corporais,
Porque a pessoa gorda não é uma coisa engraçada, ela é política, contra o estabelecido,

O que não serve, aquilo que excede, quebrando barreiras, costuras e zíperes, assentos de ônibus.
Fronteiras, ficções, desejos.

Aqui estão minhas dobras, aqui estão minhas dobras gordas, aqui está o corpo, este que não corresponde, este que aparentemente ninguém quer foder, este corpo doente.

Falamos como Gordxs, a partir de nossas marcas de estrias, celulites e dobras sebosas que correm por e sobre os nossos corpos, o eterno apelido da escola, como proletários da beleza e da saúde, desejando mais do que sendo desejadxs.

Nós discursamos como gordxs transfeministas, radicais,
porque não basta destruir o gênero se não dinamitarmos também as normas do corpo.
Porque no fundo, nós enojamos o seu sistema de vigorosidade, força e fertilização (de trabalho e militar).

Falamos aqui por todxs xs gordxs que não comem carne, aquelxs que creem que o racismo o sexismo o heterossexismo e o especismo devem ser destruídos.

Aquelxs que não querem trabalhar, xs que desejam deixar de ser, abortar. Xs que não querem parir, estar em greve. Também falamos em nome dxs gordxs peludxs, hediondxs, xs feixs, veados

hiperfemininos, aquelxs que não são vistxs em materiais pornográficos, ou que são vistxs apenas como fetiche, as caminhoneiras, xs relaxadas, xs que arrotam na mesa, asquerosxs, pertubadorxs, excessivxs, nunca quietxs ou impecáveis.

Éramos a garota gordinha, a que nunca era tirada para dançar, aquela que nunca conseguiu fazer dieta, a envergonhada, que precisava se cobrir toda, a vaca gorda, essa que sempre queriam tapar a boca, a leitoa, a obesa, bola de sebo, oleosa, baleia, Jabba, a “Gonzalo Cáceres”, a bola, gorda. Para os outros, nosso corpo é um grande globo deformado, gorduroso.

Porque todos nós somos potenciais gordxs anoréxicxs.

Não queremos nos modificar ou que nos aceitem pelo o que somos “por dentro”, nem nos auto-torturarmos com dietas e exercícios pesados, queremos desensinar desejos e queremos que nossos corpos se tornem potências de desejo pelo simples fato de serem corpos.

Nós falamos para todas aquelas garotas gordas que ainda se encontram no espaço do silêncio, da vergonha, do escárnio... Nós não as convidamos a sair do armário do tamanho, mas a destruí-lo.

O espelho não é um reflexo da realidade, o que vemos nele não é mais do que uma construção social que precisa ser desconstruída.

Colocamos nossas garras de fora, uivamos como lobas e deixamos o espaço do silêncio.

HOJE GORDA
ONTEM PUTA
AMANHÃ LOBA

MANIFIESTO GUATONX

Anarkorporeos

El punk nunca hará dieta

Nuestro kuerpo, el primer enemigo
Es ahora, en el presente Gordx
Porque no se nace gordx, se llega a serlo..
Enunciamos, "algunas chicas son más grandes que otras"
Somos lxs anarkorporeos.

Nosotrxs proclamamos;
que ante todo, re-construiremos nuestras vidas desde lo que somos, lo que molesta,
el desborde del(a) chanchx que si desea vivir
somos golozxs y tentadx, puro eros vuelto placer por la buena mesa y las vacanadas
nos gusta el calor que brinda la grasa en esos días de invierno

Y ante una cultura del recato, la buena presencia y el ser ubicaditx

Nosotrxs somos las trincheras del fascismo/dictadura de la piel
Somos vida desbordada de placer oral
Porque nos gusta comer y no queremos reprimirnos tales deseos
Solo para que le pueda gustar a la familia, al compañerx sexual de paso o al jefe que no me quiso contratar por la mala presencia.
Somos la denuncia andante de las inconsecuencias de la democracia de los cuerpos,
Cueste lo que cueste
Porque nuestros placeres estomacales no los transamos.

Somos quienes no nos resistimos a desaparecer ante el adelgazamiento de las diferencias corporales
Porque el ser gordx no es algo anecdótico, es político, contra lo establecido.
Lo que no encaja, lo que excede, lo que estalla límites, costuras y cierres, asientos de micros, fronteras, ficciones, deseos.

Acá están mis pliegues, acá están mis rollos, acá esta el cuerpo, ese que no corresponde, ese que aparentemente nadie quiere follar, este cuerpo enfermo.
Hablamos como gordxs, guatonxs, desde las estrías, celulitis, rollos grasientos y sebosos
que recorren nuestros cuerpos desbordados, el eterno sobrenombre escolar,
como proletarixs de la belleza y salud, más deseantes que deseables.

Hablamos las guatonas transfeministas, radicales,
porque no basta con destruir el género si no dinamitamos también las normas corporales.
Porque en el fondo, le damos asco a tu sistema de vigorosidad, fortaleza, fecundación y fuerza (de trabajo y militar).
Hablamos lxs gordxs que no comemos carne, lxs que creemos que el racismo el sexismo el heterosexismo y el especismo son rejas necesarias de destruir.

Lxs que no queremos trabajar, lxs que deseamos dejar de ser, abortar. Lxs que no queremos parir, estar en huelga. También hablamos las gordos peludas, hediondos, las feos, maricones hiperfemeninos, quienes no salimos en las pornos si no es a modo de fetiche, las camionas, desaliñadas, las que erupstan

en la mesa, asquerosos, perturbadoras, excesivos, nunca callados ni impecables.

Eramos la gordita buena onda, la que nadie sacaba a bailar, la que jamás logró mantener una dieta, la avergonzada, la que se cubría, la "guatona culiá", a esa que siempre le querían cerrar la boca, la chancha, lechona, obesa, bola de grasa, aceitosa, ballena, el Java, el empolvado, el Gonzalo Caceres, el bola/pelota, el manteca. Para el resto nuestro cuerpo es un gran globo desformado, Grasiento Porque todxs somos potenciales guatonas anoréxicos.

No queremos modificarnos o que nos acepten por "lo que somos por dentro", ni auto-torturarnos con dietas y ejercicios extremos, queremos que los deseos se desaprendan y que nuestro cuerpo se transformen en potencia de deseo por el simple hecho de ser cuerpo.

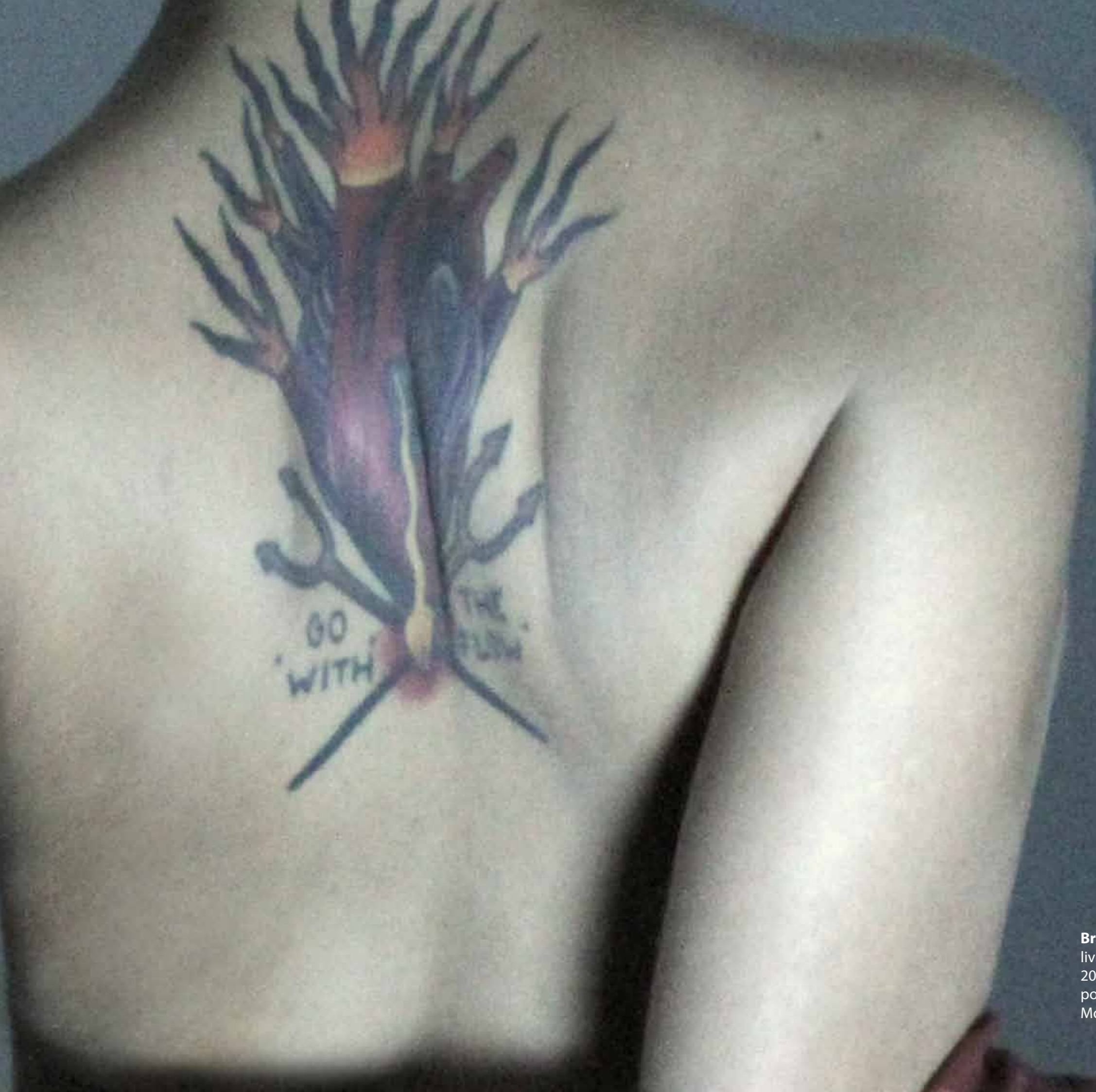
Hablamos para los gordas que aún se encuentran en el espacio del silencio, de la vergüenza, de la burla... Les invitamos no a salir del closet de las tallas, si no que a destruirlo..

El espejo no es un reflejo de la realidad, lo que vemos en él, no es más que una construcción social necesaria de deconstruir.

Sacamos las garras, aullamos como lobas y salimos del espacio del silencio

HOY GORDE AYER PUTA MAÑANA LOBO

Manifiesto escrito e publicado por **Constanza A. Castillo e Samuel Hidalgo** Em seu site (<http://www.missogina.tk/>) é possível assistir ao vídeo-performance que dá ainda mais vida ao texto.



monga no circo
Bruna Beber

as omoplatas
são os seios
das costas

quando belas
que vontade
de tocar

falo isso
para registrar
as suas

que peitos
e a vontade
de tocá-los.

Bruna Beber nasceu em Duque de Caxias – RJ. Publicou os livros “A fila sem fim dos demônios descontentes” (7Letras, 2006) e “Balés” (Língua Geral, 2009), ambos de poesia. O poema acima faz parte do seu próximo livro, Rua da Padaria. Modelo: **MahPosh**



Flora Fontes tem 20 anos, mora em Natal-RN.
Formada em Design Gráfico, trabalha como ilustradora. Para
conhecer mais o trabalho dela: <http://flickr.com/lisfontes>

Glauco Mattoso

DUMAS VERDADES ATRAZ DE GRADES [5354]

Ninguem pode, num estudo
academico, ter tino?
Si quizerem, eu ajudo
a aponctar o Virgulino!

Gay foi elle, sim, eis tudo!
Tambem Senna um faro fino
desmascara! Ninguem mudo
pode estar, é o que eu opino!

Si Dumont alguem ja disse
que foi homo, da bichice
não excappa um cangaceiro!

No futuro, bom conceito
terá, logico, o sujeito
que disser isso primeiro!

DUNS SAFADOS BIOGRAPHADOS [5355]

Mysterioso é tambem Rosa.
Diadorim ja deu a pista.
Para alguns, Guimarães posa
de machão, mas dá na vista.

Litteraria fama goza,
como o Mario, mas a lista,
seja em verso, seja em prosa,
dos veados é bemquista.

Não precisa alguem ter medo
que revelem o segredo
desses genios brasileiros!

Nenhum merito elles vão
perder, caso em discussão
estiverem seus trazeiros!

DUNS COLLEGAS DE REFREGAS [5356]

Moralismo litterario
é bobagem. Si veado
foi o Rosa ou foi o Mario,
não se altera seu legado.

No Brasil, é farto e vario
o registro analysado:
Piva, Abreu, do Rio... o pareo
será duro e eu não me evado.

Tambem entro nessa lista
e convido o moralista
a reler o que escrevemos!

Si reler, depois convido
o careta empedernido
a transar com nossos demos!

DUMA VIDA RESOLVIDA [5357]

Em debatte, entra na roda
um assumpto divertido:
questionar si está na moda
ser veado ou gay ter sido.

Quando vivo o auctor, é fodal!
De bichona e de invertido
é chamado. Elle incommoda
menos, caso fallecido.

Si deixou obra famosa,
boa fama tambem goza,
mesmo tendo dado o rabo...

Mas, em vida, fazem pouco
de quem fama tem de louco,
de confrade do Diabo...

Glauco Mattoso nasceu em São Paulo, em 1951. É poeta, ficcionista, tradutor e ensaísta. Considerado por muitos como um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, Glauco possui mais de 40 livros publicados, sendo que um dos últimos, "Raymundo Curupyra — O Caipora" (2012), é um romance composto por 200 sonetos.

Leco Vilela

BUZ

Silêncio.

Ele estava parado a admirar o céu pela janela. Seu gato lhe roçava as pernas, enquanto respirava fundo aquele ar frio de um dia ensolarado.

A luz do sol entrava de leve, batia em seu rosto fazendo seu olho direito brilhar. Os raios de luz escorregavam pelo seu peito com pelos ralos. As suas costas arrepiadas pelo o vento salientavam a curva de seus quadris que findava numa bermuda jeans rasgada.

Seus pés fixos no chão lhe davam um caráter sólido. Estado contemplativo.

Não pensava em 'o ques' ou 'porques', apenas olhava ao longe um horizonte azul, seus lábios rosados, mesmo imóveis, pareciam gritar poemas e palavras de acalanto. Seu mamilo saltava como que pedindo o contato da língua.

Barulho.

... Sempre olhamos quando uma porta se abre.

UMA CARTA PARA VOCÊ

Eu só queria ver você sorrindo ao olhar pros meus olhos. Ouvir você suspirar palavras marcantes enquanto eu abro o zíper da sua calça e te masturbo como quem toca um instrumento em busca de uma nota única.

Ver suas bochechas rosarem enquanto pego a sua coxa com força e puxo contra a minha.

Sentir teus pelos roçando nos meus enquanto você vira os olhos, morde o lábio e solta um gemido baixo.

Ver sua pele arrepiar enquanto eu beijo sua nuca e meto minha pica entre suas nádegas brancas.

Você se liquefazendo entre meus braços, gemendo, gritando, mordendo. Pedindo mais.

Eu delirando a cada segundo dentro de você. Bombada após bombada, só querendo gozar na sua cara e ver você sorrir.

NOITE

Noite, luz de neon entrando pela janela. Lá fora os saxofones gritam como gatos no cio anunciando o coito. Ela tinha um cabelo curto e negro, uma lua minguante tatuada no pescoço e seu corpo nu tingido pelo rosa e azul do neon lá de fora. Sua vagina, lisa, pulsava a cada acorde que entrava pela janela, ela estava úmida.

Ele tinha barba rala e cabelo bagunçado, olhos verdes que pareciam acender como um farol durante as noites quentes de verão. Alguns pelos saltavam de seu peito e o caminho da felicidade findava em sua pica de 22 cm já dura.

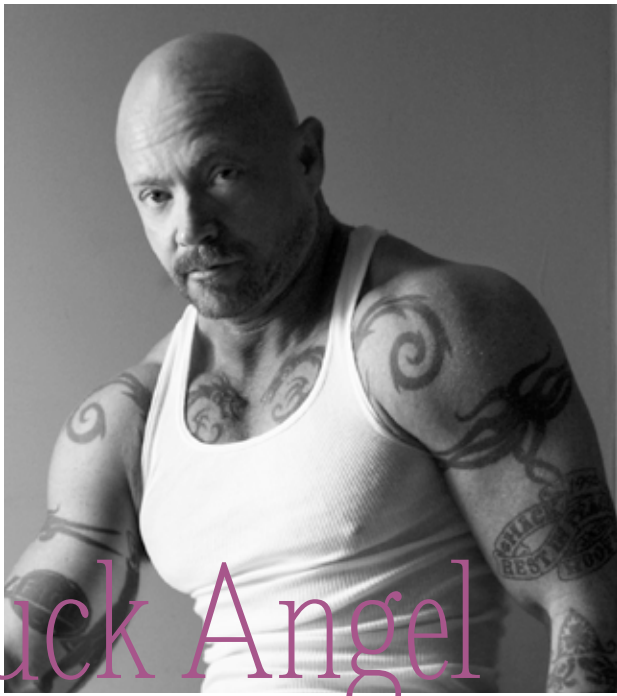
Beijaram-se, lamberam-se, sugaram-se. Seus corpos se entrelaçavam e se moviam em uma dança forte e promíscua, passos aos moldes do diabo e com deus olhando entre os dedos. No enrolar e desenrolar dos corpos, a garota mostrava a eficácia de um fio-terra. O garoto urrava enquanto ela sugava seu pau com o dedo em seu rabo, ele involuntariamente rebolava.

A garota tingida de rosa e azul abriu a gaveta, pegou uma cinta-caralho e vestiu. Ele não esperava por isso, mas o tesão naquela momento era tanto ou talvez fosse o vinho que tomaram e que começava a fazer efeito, pois sua única reação foi erguer as pernas em frango assado enquanto dizia um baixo, porém articulado, vem.

Ela lambuzou o cu dele de lubrificante, enquanto enfiava o dedo devagar na intenção de abrir caminho para sua pica de plástico. Pegou-lhe as pernas e meteu enquanto ele a olhava encantado e segurava o grito de dor na garganta. As estocadas começaram devagar e aos poucos já encontravam um ritmo forte e intenso, ele urrava sentindo algo que nunca pensou existir, seu pau estava duro e latejava, as veias se erguiam e sua pele inteira arrepiada gorjeava.

À noite, o saxofone, o neon, a pica, o pau, o ritmo, os pelos, o cabelo curto, a lua tatuada, a barba, o deus, o diabo, os seios, os olhos, a cama, o mundo naquele momento gozava e urrava grave.

Beijaram-se úmidos e gozados recuperavam o fôlego enquanto os corpos já pediam mais.



Buck Angel

muito além dos rótulos

Buck Angel é produtor e ator de vídeos pornográficos, além de ser um grande ícone do mundo LGBT/Queer. Conhecido internacionalmente como “o homem com vagina”, Buck também criou o primeiro site adulto do mundo voltado para transhomens, além de promover diversas ações e projetos de educação sexual e motivação. Angel também foi o primeiro transexual masculino a ganhar o prêmio AVN, uma espécie de Oscar da indústria pornográfica.

A entrevista a seguir foi realizada em 2011, para a terceira edição do zine KafetaTrans, que ainda não saiu. Seu autor, Guilherme “JD Guilla”, concordou que seria uma boa ideia liberarmos esse conteúdo na estreia da revista Rosa, que também traz como entrevistado deste número outro transhomem, o carioca João W. Nery.

No Brasil, a situação dos transhomens é de total invisibilidade. Como é a “cena” nos Estados Unidos?

Antes de tudo, é bom avisar que eu não moro mais nos Estados Unidos. Eu me mudei para o México cinco anos atrás e decidi fazer isso porque eu não estava gostando da forma como as coisas estavam indo para mim como um pornógrafo e, também, porque os Estados Unidos possuem muita transfobia. Com isso dito, eu acho que existem partes dos EUA em que ser trans é bastante aceito e discutido, principalmente nas cidades grandes, como Nova York e Los Angeles. Mas eu nunca fui um cara “da cena” e eu nem me considero como sendo um integrante dela. Eu me preocupo mais em ser um indivíduo.

Você acredita que a pornografia possa contribuir positivamente para a visibilidade dos transexuais masculinos?

Sim, é claro, e eu tenho provado que isso acontece. Sem os meus primeiros trabalhos, acredito que alguém como Chaz Bono* não estaria feliz por não ter um pênis, e é possível que ele não tivesse tornado pública sua transição se eu não tivesse educando pessoas com o meu trabalho desde o início.

* Filho da cantora Cher

O que mudou na indústria pornográfica depois dos filmes de Buck Angel?

A aceitação de alguém como eu no campo do entretenimento adulto. Quando eu comecei, a indústria não recebia muito bem o meu trabalho. Eu tive que lutar como um louco para chegar onde estou hoje e, por causa disso, muitas companhias “queers” estão surgindo atualmente.



Você também trabalha com alguns projetos sociais. Como eles são produzidos e quais são os objetivos deles? Você pode citar alguns?

Eu acabei de lançar um novo filme adulto que é, também, um filme de educação sexual. Eu misturei os formatos de documentário e pornografia. Eu sentia a necessidade de tornar o meu trabalho mais acessível para o público em geral e, ao colocar o filme em um formato mais educacional, eu senti que ele receberia mais atenção. Esse filme se chama "SEXING THE TRANSMAN XXX".

Eu também estou lançando uma versão de classificação livre que eu espero que seja exibido em festivais de filme, sem cenas de sexo e contendo apenas entrevistas com transhomens e com as pessoas que gostam deles falando como a transição afetou suas sexualidades. Vocês podem assistir ao trailer e obter mais informações em <http://sexingthetransman.com/>

Além disso, eu produzo alguns anúncios de serviço público cujos assuntos imagino que ninguém fale a respeito. Você pode assisti-los em <http://www.youtube.com/buckangelent>

Como é a sua presença no México e a situação dos transhomens nesse país?

Eu não trabalho de verdade aqui. O México é só o lugar onde eu moro, mas eu preciso dizer que o país é muito mais tolerante e receptivo a gays e trans do que os EUA. Eles possuem casamento gay no país todo, por exemplo, e isso não ocorre nos Estados Unidos.

Você se considera queer, no sentido político da palavra?

Não, o único rótulo que eu me dou é o de homem. Minha sexualidade é muito diversificada, no sentido de que eu sinto que qualquer rótulo não funcionaria para explicá-la. E acho que meus trabalhos já demonstram suficientemente quais são as minhas posições políticas. Eu sou do tipo que deseja viver de maneira independente do que o mundo tenta impor. Eu quero desafiar a forma como as pessoas pensam em gênero. Eu adoraria que, um dia, as pessoas pudessem ser aquilo que elas quiserem em relação aos seus gêneros e sexualidades, sem serem julgadas.

Você já pensou em fazer algo no Brasil, como filmes ou uma turnê?

Claro! Eu amaria, mas até agora não tive a chance. Porém, tenho certeza de que um dia isso acontecerá, pois vejo uma base cada vez maior de fãs vindo do Brasil.

Algum recado para as pessoas que gostam do seu trabalho por aqui?

Muito obrigado por assistirem aos meus filmes e apoiarem o que eu faço. Sempre fico feliz em ver o quão longe o meu trabalho tem se difundido pelo mundo. Eu espero visitar o Brasil em breve e experimentar as comidas deliciosas que vocês têm por aí, além de conhecer toda essa gente bonita. WOOF!!

Buck Angel na internet:

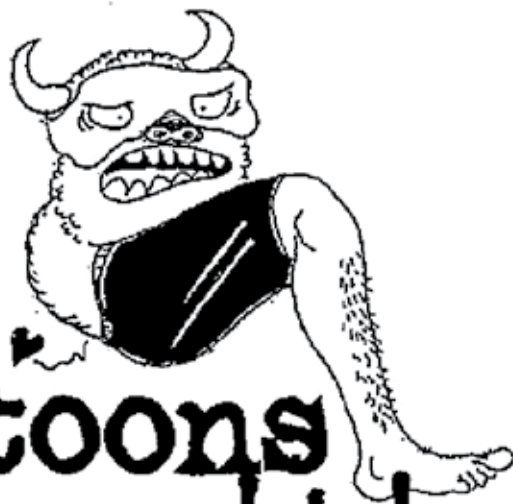
<http://buckangel.com/>

<http://twitter.com/BuckAngel>

<http://buckangelentertainment.com/>

<http://linkedin.com/in/buckangel>





Sapatoons queerdrinhos

Humana
ascendente em
Otária
lua em
Lesbos

Coxinhas, papéis, embalagens diversas, dejetos misteriosos, objetos pontiagudos, secreções, chicletes e, uma vez, até moedas. Uma compilação de tudo o que foi arremessado contra mim durante o recreio volta para o mundo num combo de quadrinhos cínicos de desacuenda HT.

CHONGO
33

Se a sua nave também quebrou aqui na HTerra, estes pedaços de vida em quadrinhxs gordxs e peludxs são contribuições amigas para você que não vê a hora de voltar para casa..!



NADA COMO UMA PAUSA NA PRAIA ANTES DE PASSAR A NOITE NESTA MERDA, POSSO LEMBRAR DO CÉU LÁ FORA...

TRAZ UMA DOSE Ô!



MAS ÀS VEZES TUDO O QUE QUERO É UMA METRALHADORA...



TCHE-TCHERE RETCHETTE

EI CAMPEÃO

GARÇOM!!

you're going to the waitress hell... you're gonna burn in my HELL..

OW!

FIUU

UMA CERVEJA A-A-A-A!!

MAIS UMA!!



TCHAU (ô) JÁ FECHOU

GOZZRONKGR...



TÓ VALEU POR HOJE olá

... babaca

10% incluso??

FINALMENTE...



ONDE MAIS SERÁ
QUE EXISTE
CAPITALISMO?
SERÁ QUE
REGULAM A
GORJETA
EM TODOS
OS
UNIVER-
SOS
POSSÍVEIS
???

NÃO ME SINTO TÃO CANSADO HOJE..



TENHO COMPANHIAS MÃCIAS...



LOGO VAI AMANHECER



AS ÚLTIMAS HORAS DA MADRUGADA



PARA TERMINAR AQUELE LIVRO...



CONSPIRAR CONTRA O IMPÉRIO HETEROSSEXUAL



ESCREVER PARA UMA AMIGA



OU MUDAR DE IDEIA

DESENHAR ATÉ DORMIR



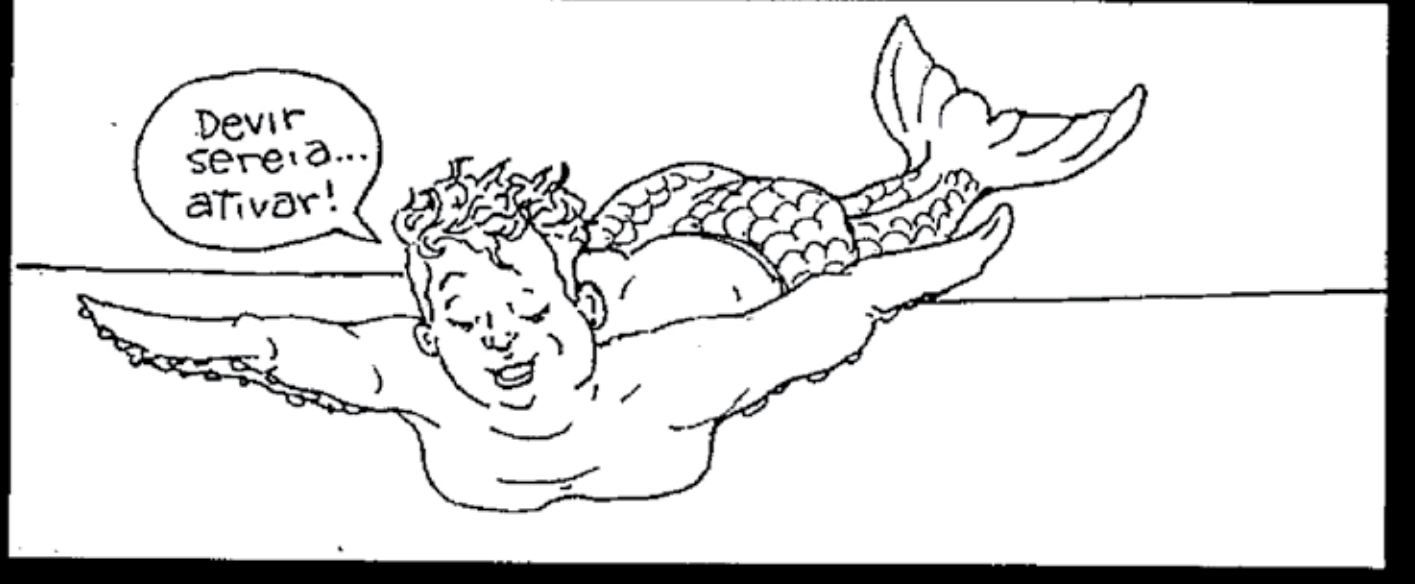
Down the Rabbit Hole



* sempre uma excelente forma de puxar assunto.









sobrou esse espaço então vou contar uma piada de minha autoria:
na feira tinha um couve bonita e uma couve toda detonada,
o que a privilegiada falou para a outra?
"nossa que couve com você?"

João W. Nery

está com tudo

O “primeiro transhomem do Brasil” já foi convidado para dar entrevista nos mais importantes programas da televisão brasileira, além das inúmeras aparições na imprensa escrita do país. Parte desse sucesso se deve ao fato de que seu mais novo livro, “Viagem Solitária — Memórias de um transexual 30 anos depois”, tem vendido muito bem, obrigado.

João passou por diversas cirurgias de transformação em um dos momentos mais sombrios do Brasil, o da ditadura militar. Hoje, casado e com filho, esse grande homem está disposto a contar a sua história e a lutar pelo que acredita.

A presença de João é tão marcante que, atualmente, circula pela Câmara dos Deputados um projeto de lei intitulado “João W. Nery” (PL 5000/2013), que prevê a possibilidade de travestis e transexuais alterarem seus nomes em documentos, sem a necessidade de laudos ou de “súplicas” aos juízes.

Enquanto torcemos para que o projeto seja aprovado, batemos um papo por email com João, que respondeu a perguntas sobre sua carreira de escritor, sua convivência com intelectuais como Darcy Ribeiro e Antônio Houaiss e, é claro, as reivindicações políticas que a comunidade trans brasileira ainda pretende alcançar.

Antes de lançar “Viagem Solitária”, você publicou “Erro de Pessoa”, que também é uma autobiografia. Como os dois livros se diferem?

“Viagem Solitária” é uma releitura do primeiro (“Erro de Pessoa”, 1984), mais completo, atualizado – com a quarta parte, que é a minha paternidade.

E quanto a você? Como era o João daquela época e em quais pontos você sente que mudou desde a década de 80 pra cá?

Exerci mais a paciência e a humildade, por exemplo. Hoje tenho melhor compreensão da importância que representam as sexualidades periféricas, para denunciar a invenção do que é ser homem ou mulher. Cada vez, constato mais, que o vírus do machismo é o responsável pelas violências, sejam elas misóginas, bélicas ou contra as múltiplas expressões de gênero.

Também durante a época do livro “Erro de Pessoa”, você não mostrava seu rosto em entrevistas, principalmente, imagino, pela questão de ilegalidade que a situação política do país acabou forçando em sua vida.

Havia a questão política contra a ditadura que vivi na família pouco tempo antes, mas, sobretudo, porque tinha tirado uma documentação masculina por conta própria. Portanto, fiquei com dupla identidade. Naquela época não dava para entrar na Justiça para a mudança de nome e gênero. Nenhum juiz sabia o que era transexualidade.

Como foi o processo de passar a mostrar seu rosto publicamente e como essa decisão foi tomada? Esse passo trouxe alguma complicação para você ou para o corpo médico que lhe

atendeu durante a ditadura?

Consultei um advogado, Dr. Sérgio Bermudes, e ele me garantiu que nada mais poderia ser feito contra mim. O mais difícil foi convencer minha mulher e meu filho, que acabaram concordando, contanto que não aparecessem na mídia. Publicar hoje um livro só tem sentido se você se expuser, senão não terá crédito. Por outro lado, o tema das sexualidades começou a ser abordado paulatinamente na mídia, pelo menos um ano antes do livro ser lançado. Minha aparição em matérias de jornais e programas de TV causou impacto, já que os transhomens nunca tiveram visibilidade. Não me restava outra alternativa, fui compelido a me tornar um militante da causa. Hoje, atendo pelas redes sociais quem me procura e pede ajuda. O médico que me operou, Dr. Roberto Farina, já faleceu. Além do mais, hoje a cirurgia é legalizada e feita gratuitamente pelo SUS. O problema é conseguir uma vaga.

Como foi o processo de escrita de “Viagem Solitária”? Quanto tempo demorou e como foi a rotina de trabalho?

Demorei dois anos escrevendo, num exercício diário. Um processo difícil e sofrido. O diário que sempre escrevi me ajudou a sequenciar fatos. Tive também a grande ajuda de uma irmã, que não só o copidescou, como me auxiliou a relembrar momentos importantes. Até hoje me emociono quando releio o livro.

Com as cirurgias e os novos documentos, você acabou perdendo o diploma de psicólogo. Essa é uma situação irreversível? Mesmo depois de o seu caso ter vindo à tona?

Estou, no momento, tentando mudar o nome no meu diploma. Caso consiga, será o primeiro caso no Instituto de Psicologia da UFRJ. Eles estão exigindo documentação, que não existe, para esta troca pelo nome social. Mais de um advogado se ofereceu para dar assistência no processo. Não pretendo exercer mais a Psicologia como antes, nem preciso pessoalmente desta mudança, já que existe uma Portaria que permite o exercício da profissão com o nome social. Mas luto pela condição por ser uma questão política, de abertura, para os próximos *trans* que virão. As universidades devem dar o exemplo do respeito à diversidade.

Tanto Darcy Ribeiro quanto Antônio Houaiss pareciam bem à vontade em relação à transexualidade. Como era sua relação com eles?

Minha relação com o Darcy começou na adolescência e foi muito afetiva, quando ele me considerava como uma filha dele. Durante as férias em Montevideú, eu ia todos os dias à casa dele e ficávamos recitando poesia, tendo aulas de Antropologia e ele ia bagunçando todos os valores sociais hipócritas. Foi uma “desaprendizagem” muito fecunda. Quando nos reencontramos, anos mais tarde já no Brasil, ele estranhou um pouco as novidades da minha cirurgia, pois nunca tinha visto ou ouvido falar – mas aceitou numa boa. Já com o Houaiss, ele me conheceu através do livro e gostou de cara do que leu, tanto que me ofereceu de presente a orelha do “Erro de Pessoa”. Era um homem que, além de culto, tinha um profundo senso de justiça e respeito pelo ser humano. Estive com ele muitas vezes no seu apartamento da Lagoa, onde ele fazia questão de cozinhar. Sua



mulher Ruth era também uma pessoa admirável, que transcendia qualquer preconceito. Adorava conversar com eles.

Uma das reivindicações da comunidade trans hoje é a despatologização da transexualidade. Além do óbvio bem-estar que essa medida poderia causar, haveria alguma implicação legal no processo de transformação, como no acesso a hormônios e cirurgias?

Considerando os princípios da integralidade, da humanização, do acesso, da transdisciplinaridade, da preservação da autonomia das pessoas, na defesa de sua integridade física e moral, constante no inciso III do artigo 7º da Lei nº 8.080/1990, de 19 de setembro de 1990, a qual regula, em todo o território nacional, as ações e serviços de saúde e da visão de rede que orientam o SUS, não há porque temer essa assistência, como é o caso dos diabéticos, que dependerão de um acompanhamento contínuo. Saúde não é ausência de doença e nem mulher grávida é considerada doente. O Processo Transexualizador não se restringe à preparação e/ou realização de procedimentos clínicos e cirúrgicos para modificação corporal do sexo.

Como está, hoje, a situação dos transhomens e transmulheres no Brasil? Quais são as principais reivindicações e medidas de inclusão?

Um caos... Sem assistência médica, jurídica e social. São muitas as reivindicações para o processo transexualizador do SUS, em que se pede uma profunda mudança na forma de lidar com a pessoa e o processo, e nos aspectos jurídicos. Para exemplificar, citarei apenas algumas:

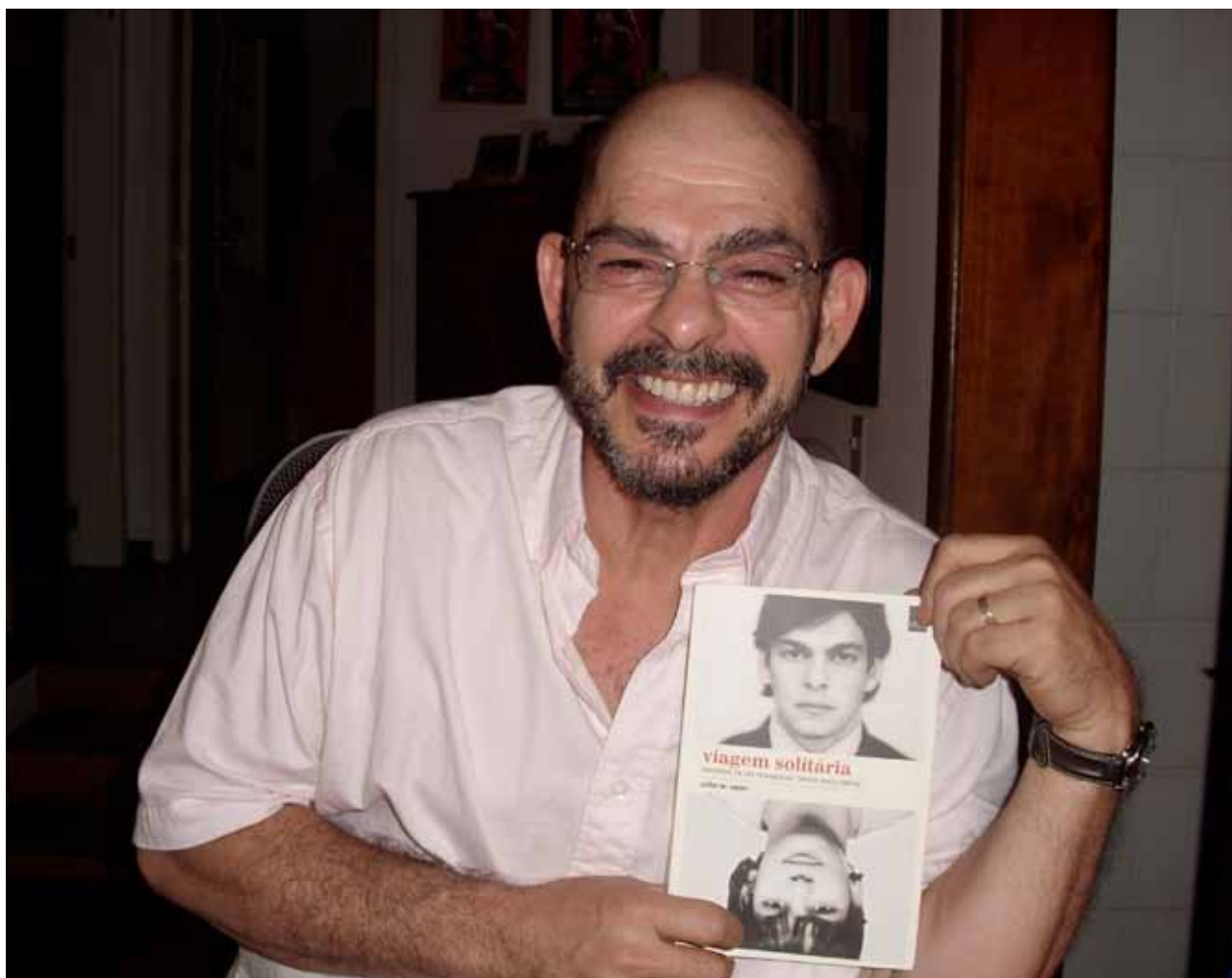
1. A despatologização;
2. Multiplicação de unidades ambulatoriais para o acolhimento e acompanhamento da atenção básica e de média complexidade, bem como pelo aprimoramento técnico das intervenções de alta complexidade nos Centros de Referência do processo transexualizador, com fluxo garantido entre os serviços;
3. Investimento em pesquisas sobre os efeitos dos procedimentos de modificação corporal em longo prazo;
4. Formação de banco de dados nacional do perfil da população atendida no Processo Transexualizador;
5. Inclusão do acompanhamento à hormonioterapia na atenção básica, seguindo recomendações internacionais, primando pela redução de danos;
6. Garantir a implantação de próteses de silicone mamária e penianas em pacientes que assim desejarem, como também bombas clitorianas (importantes para a realização de metoidioplastia) e a retirada da barba com laser;
7. Garantia de que a prática dos psicólogos junto ao Processo Transexualizador seja normatizada pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP, e não pelas atuais diretrizes estabelecidas pela resolução do Conselho Federal de Medicina;
8. Fim do tempo padrão de dois anos para desenvolvimento de parecer, da obrigatoriedade da terapia (exceto quando solicitada essa ajuda profissional pelos/as usuários/as, a fim de acompanharem e auxiliarem em processos de identificação e socialização) e do “teste da vida real”;
9. Redução da idade mínima para realização das cirurgias de transgenitalização de 21 anos para 18 anos, em conformidade com uma atualização de legislação;
10. Acompanhamento pós-operatório dos indivíduos que passaram pela cirurgia de redesignação sexual;
11. Criar um programa de serviço de banco de sêmen e óvulos para os trans que quiserem se tornar pais biológicos depois da cirurgia, através de uma inseminação assistida, como já existe para a vasectomia ou nos tratamentos que causem infertilização;

12. Fiscalização para os serviços médicos de atendimento a transexuais. Cirurgias de transgenitalização podem ser realizadas de modo irresponsável e serem mal feitas;
13. Legislação específica que proteja a pessoa transexual de discriminação por identidade de gênero em qualquer ambiente (a criminalização da transfobia – e da homofobia, vêm juntos no PLC 122/2006), ainda não aprovado;
14. Legislação específica que permita a retificação de prenome e gênero no registro civil (e demais documentos subsequentes) de forma automática, pra quem já viva no gênero identificado, prescindindo de cirurgias ou laudo psiquiátrico; e
15. Evitar a exclusão no mercado de trabalho: desemprego, subemprego, desvalorização do currículo profissional em função da condição transexual.

Quem leu “Viagem Solitária” já percebeu que você também é poeta. Há planos para um novo livro?

Sempre há planos, mas nem sempre há tempo. Agora recomeço a escrever alguns textos acadêmicos solicitados e realizo muitas viagens para divulgar a luta contra o preconceito, mas o terceiro livro deverá sair, só ainda não sei quando.

* Abaixo, foto de João Nery segurando o livro “Viagem Solitária”





Na Cara

Breno Gabriel

Ilustrações: Feppa Rodrigues

Estereótipos maiores
Estão por todos os lados
Reafirmando as exclusões, feito algo sábio!
Pregando a limitação de ir além

Pele branca, boa moral!
Belo é o superficial
Misoginia a ser seguida
Beijo hetero e sórdidos status

Mulher é só corpo, homem só se for viril!
Concepções equivocadas, gordofobia é o que não falta!
Risos aos afeminados, violências simbólicas!
Que matam que prendem que calam, viva o ilustre lixo a cores!

Busquem os corpos, que não sejam seus!
Pratiquem atos, que não sejam seus!
Extermine o seu eu, para uma vil aceitação!

Antes ser Herói

Velhos discursos
Enfeitam uma angústia
Do que posso fazer, do que não devo ser!
A minha voz que ter
O gosto da liberdade, mas as tradições a deixam
tão calada
Escuto, calo e me canso
A realidade viva é tão mais hostil

Dançar ao som do retrocesso
Cantar no mesmo tom da falta de bom senso
E dar mimos ao pitoresco preconceito
Não vou mais calar, descruzar os braços e lutar!
Ser um herói

Pessoas lacunosas se enchem de tolices
E esbravejam dogmas vorazes
Que massacram os que pedem
Um mundo plural
Onde moram santos não eurocêntricos
Onde se amam entre iguais
Honrosa moral mata e abusa

Não vou mais me expulsar
Antes ser herói
Colorindo um amanhã



Juvenil

Entregaram-lhe o mundo
Ele apenas o deslaçou
Dormiu então, com vários tons de gente!
Beijando devaneios, bebendo de cavos conselhos e gozos distintos!
Perdeu-se nas entranhas de alguma noite
Dilacerando um choro de concreto, por seu coração tão moribundo!
Em seu opróbrio de querer, foi-se esquecendo
Por aí, por aqui, não quer ser mais um grito perdido
Dentre meninos e travestis, seu sonhar era um doce fardo
Nas nêias das ruas noturnas, ele descansava em paz...
Em sua casa aveludada, ele amanhecia em retalhos!
Seus olhos ornejam vida
Alma colorida de rancor!
Garoto, instigados olhos juvenis!
Expurgue-se, encontre-se, perca-se...

Breno Gabriel 19 anos, estudante, cantor e compositor. Fazendo sempre da música e poesia ferramentas de exposição para ideários de um mundo plural, questões homofônicas e indagações humanas.

Feppa Rodrigues por Ana Muriel "Designer de formação, ilustrador por vocação e fotógrafo nas horas vagas. Ama quadrinhos. E, um super herói que transita entre dois mundos, vai desenhando sua passagem por estas terras."



O mito aristofânico: uma proposição
Pedro Costa

“percebi como a educação para a conscientização crítica pode fundamentalmente alterar nossas percepções da realidade e nossas ações” bell hooks

Esse texto é uma proposta, uma indicação, um tema para alguém realizar esse trabalho através de lentes queer. O escrevi a alguns anos atrás, e assim ele ficou silenciado. Agora retomo e o lanço em pedaços com a esperança de alguém levar adiante. Ele fala sobre o mito aristofânico da unidade original dos gêneros, encontrado no livro “O Banquete” ou “Do Amor”, de Platão. A obra é considerado um clássico grego que possui um dos mais belos e simples diálogos. Esta obra se remete a um jantar na casa do poeta Agatão que comemora sua vitória no concurso de tragédias. Essa obra foi registrada a partir do que o autor ouviu de um dos convivas desse jantar.

Essa proposta foca na parte que Aristófanes faz seu discurso sobre o mito da unidade primitiva humana que sofreu uma posterior mutilação, no ser andrógino e o castigo dado por Zeus. Ele diz que éramos o dobro do que agora somos e que havia três gêneros. Tínhamos quatro braços, quatro pernas, duas cabeças. Um dos gêneros era a composição de duas partes femininas, um de duas partes masculinas, e outro misto. Então Zeus os cortou ao meio, por dizer que os andróginos, como eram conhecidos, afrontaram o poder dele. Depois de partido ao meio, cada um procura ansiosamente sua antiga metade. Ao Amor, neste caso, é dado a função de procura da unidade original.

Eu pensava que esse texto me serviria para denunciar apenas uma via: a exclusão, a separação, o castigo e o apagamento dos seres andróginos. Para minha surpresa, descubro uma complexidade muito mais abrangente. Me flagro conhecendo um pensamento sobre as relações homoafetivas anterior ao domínio religioso da instituição católica. Um pensamento no discurso que afirma a busca pelo Amor, a busca por sua metade, de qualquer sexo.

Tudo isso se deu na casa do anfitrião Agatão, dramaturgo e ator, namorado de Pausânias, que também nessa obra discursam. Pausânias, especificamente, fala sobre o Amor entre homens. Aristófanes fez o seu discurso: “Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não como agora, o masculino e o feminino, mas também havia mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto que agora nada mais é que um nome posto em desonra.”

São três os tipos: o feminino, que era a mulher-mulher, o masculino, o homem-homem e o andrógino, mulher-homem. Esses eram os três tipos de gêneros existentes nesse mito. O andrógino era considerado o mais poderoso dos gêneros: “Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses”.

Se eu atualizar o mito aristofânico para os dias de hoje, quem eu vejo no papel do andrógino? Será apenas um mito? Ou esse mito encontra eco em pessoas, desejos, formas? Quem são os andróginos de hoje? Eles existem? É apenas uma nomeação para enquadrar e limitar os “sexos”? E, se existem, que poder eles carregam em seus corpos que, assim como no mito, necessitam sofrer violência e mutilação? E o que mesmo esses corpos questionam?

Zeus diz: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora, com efeito, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos”. Como meras cobaias sob o poder de Zeus, a voz de comando se instaura, fazendo valer a punição e tornando os andróginos mais fracos.

Acredito que a força do andrógino se encontra no poder que a crítica pode tomar ao olhar para uma sociedade reguladora de uma heteronormatividade binária que não inclui subjetividades construídas em trânsitos andróginos de estéticas, sexualidades, pensamentos, atitudes, políticas. O poder andrógino é a dúvida. É a não certeza. São as possibilidades diversas de atuação. São as divergências não estruturadas, nem tampouco assertivas, sobre gênero. É o sexo não escolhido porque não é uma opção. A presença andrógina, nas várias formas e falas que assume, carrega em si o destruir e o investimento contra as performances de comando que subjagam os “sexos” que não desejam participar de um projeto cultural unívoco.

A violência a que são submetidos os sujeitos das “sexualidades desviantes”, na fantasia de gênero de um corpo que existe para ser subjagado, são bem reais. Zeus ordenou que “A cada um que cortava mandava Apolo voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar.”

Ex-andróginos furiosos que após serem cortados se tornam pessoas moderadas, curadas. Esse é o discurso de Zeus. Um Zeus que não pode ser ameaçado, por ser poderoso demais. E, caso isso aconteça, a punição será severa: o apagamento do andrógino. Mas restam rastros em nossos corpos ex-andróginos. A lembrança de uma antiga condição de força e de inteireza. Ao olharmos nossas pregas, nos “lembraremos” que fomos completos e fortes e ousados o bastante para

investir contra o discurso de Zeus. E, caso isso volte a acontecer, seremos novamente manipulados, castigados e mutilados.

Interpelo para o não adiamento de um projeto cada vez mais específico e crítico em relação ao Zeus nosso de cada dia. Um Zeus que não permite o agenciamento vigoroso de corpos sexualmente políticos que perturbam. Um projeto carregado de valências a favor dos corpos silenciados, apagados e esquecidos.

O mito aristofânico me joga em confronto com uma realidade aonde se dá todos esses conflitos, violências e interpelações. São nesses corpos, que se lembram e vivem suas condições andróginas, que acontece o discurso. É nesses corpos que teoria se faz presente em carne; violência se marca na pele em ferro e brasa; trauma se instaura no lugar dos desejos...



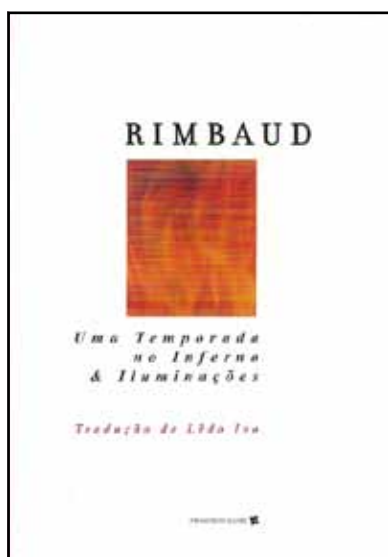
Pedro Costa é Solange, tô aberta!

Dicas de Leitura

ROSA não é à toa. Além da cor, tem o Rosa, Guimarães. E foi por ambos que decidimos chamar a ROSA de ROSA. Porque “Grande Sertão: Veredas” é o maior romance transgênero da literatura brasileira. Talvez simplesmente o maior romance da literatura brasileira. Daí que a gente ficou pensando em quais outras obras entrariam numa lista de livros indispensáveis que tenham a ver com esse lance de sexualidade, homoafetividade ou qualquer narrativa que passe perto disso tudo. A verdade é que não são poucos. Então, pra deixar a coisa mais objetiva e diversificada, a gente decidiu pedir a um pessoal que escreve que sugerisse um livro que tivesse os seguintes requisitos: fosse muito gênio & tivesse algum lance não-heterossexual. As sugestões recebidas foram muito legais. Vê só:

Iluminações, de Arthur Rimbaud.

Recomendado por **FABRÍCIO CORSALETTI**



Em vários dos poemas em prosa que compõem o livro há referências a casais em que os críticos muitas vezes identificam as figuras dos poetas franceses Rimbaud e Verlaine, talvez a dupla de gays mais famosa da literatura. Como no poema “Vagabundos”, cujo último parágrafo, na tradução de Lêdo Ivo, é assim:

“Eu tinha realmente, com toda a sinceridade de espírito, assumido o compromisso de devolvê-lo a seu estado primitivo de filho do Sol -, e vagabundeávamos, alimentados pelo vinho das cavernas e pela bolacha da estrada, eu ansioso de encontrar o lugar e a fórmula.”

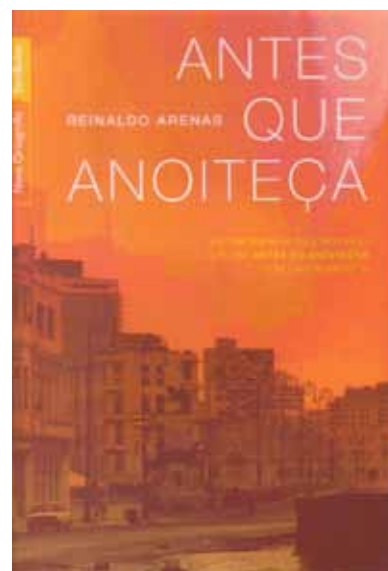
Fabrizio Corsaletti nasceu em Santo Anastácio, interior de São Paulo, em 1978. Escreve crônicas quinzenais para a Folha de S. Paulo. Seu livro mais recente é o conjunto de poemas “Esquimó” (Cia. das letras, 2010)

Antes que anoiteça, de Reinaldo Arenas

Recomendado por **RICARDO LÍSIAS**

Eu gostei da concentração dramática de “Antes que anoiteça”. Acho que o livro transmitiu um testemunho ao mesmo tempo angustiado e ansioso, que deixa no leitor uma sensação estranha, parece uma narrativa em que a esperança fica à espreita (a ansiedade da personagem principal é pela esperança), mas sempre sufocada pela angústia de viver amores proibidos e, mais ainda, perseguidos. É difícil construir esteticamente esse choque.

Ricardo Lísias nasceu em São Paulo. Publicou, entre outros, “O livro dos mandarins” (2010) e “O céu dos suicidas” (2012), ambos pela ed. Alfaguara.



Hotel mundo, de Ali Smith

Recomendado por **JULIANA AMATO**



Fui na Livraria Cultura para comprar o “A Primeira pessoa”, da Ali Smith – depois de ler a tradução do conto “A Criança”, na internet, e ficar abestalhada de encantamento. Não tinha. Mas estava decidida a ler Ali, então levei outro livro dela, disponível ali: “Hotel Mundo”. Não sei dizer exatamente o que me pegou nesse livro, porque tinha momentos que eu queria fechar e virava os olhos pra cima e pensava: “lá vem”. Mas teve uma outra coisa, uma coisa muito mulher, que me fez passar duas semanas numa atmosfera diferente. Porque foi isso: passei duas semanas acompanhando diversas mulheres – as personagens do livro – e suas cenas: angústias, histórias, alegrias e pequenas tragédias ocorridas pelos corredores do hotel – mundo – e arredores.

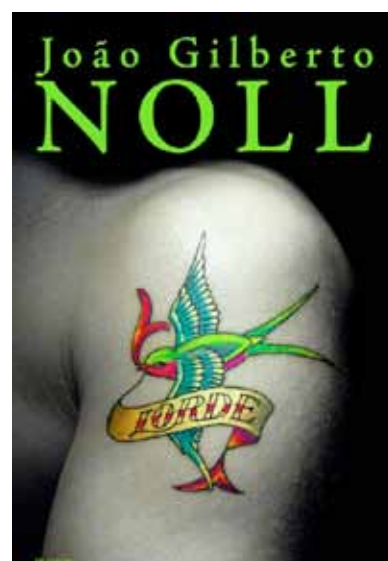
Juliana Amato nasceu em São Paulo. Publicou “Brevida” (Edith, 2011). Mantém o blog julianamato.blogspot.com.br

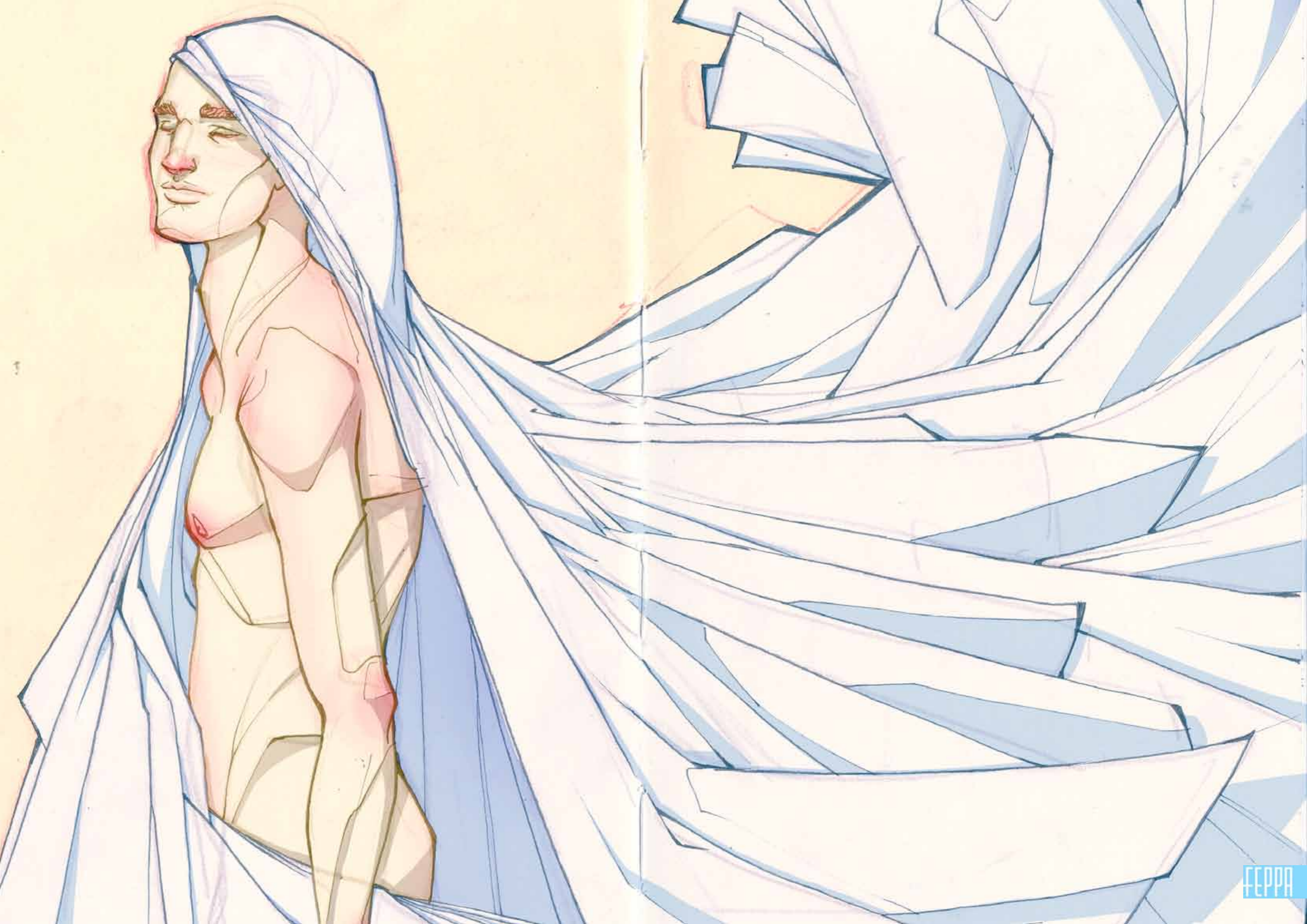
Lorde, de João Gilberto Noll

Indicado por **RAPHAEL GANCZ**

O livro, que a princípio parece uma autobiografia, fala de um escritor convidado a passar uma temporada em Londres. Apesar de saber que o convite foi feito por uma renomada universidade inglesa, ele nunca entende muito bem qual é o real motivo da viagem. Em meio a delírios, e fissuras sexuais, o errante protagonista caminha por museus e sex shops à procura de uma resposta. Chama atenção a espontaneidade do narrador, e como ele é, ao mesmo tempo, promíscuo e afetuoso com estranhos que encontra pelo caminho, “Pela Charing Cross um velho me olhou com afincio. Por que não dormir num desses hotéis aí com esse velho e ter uma noite para pensar deitado numa cama, por mais algumas horas? Claro, com ele pagando, serei bem claro de início. (...) Passar um mês comendo o velho, servindo o velho. Depois se verá para onde ir, o que fazer para a dolorosa manutenção.”

Raphael Gancz nasceu no Rio de Janeiro. Teve textos publicados nas antologias “Maus Escritores” e “Mamãe, vim só fazer uma visita rápida”. Publicou o livro Contrabandos (Edith, 2010).





Sentir-se

Numa mesma dança
entregaram-se um
ao outro.

A ansiedade olhava de longe,
Enciumada. Lá, ela não tinha vez
O único que ali residia era o
constante sorriso.
Pleno, calmo e feliz

Revista Rosa

Arte e literatura de temática queer

Março 2013

Organização/Execução

Felipe Miguel

Editores

Felipe Miguel

Thiago Barbalho

Projeto Gráfico e Diagramação

Liziane Sutile

Capa

Juliano Luiz Fernandes

Ilustração

Flora Fontes

Juliano Luiz Fernandes

Feppa Rodrigues

Textos

Brenno Gabriel

Bruna Beber

Chico Moreira Guedes

Constanza A. Castillo

Feppa Rodrigues

Glauco Mattoso

Leco Vilela

Leonardo Boiko

Pedro Costa

Thiago Barbalho

Entrevistadores

Felipe Miguel

Guilherme "JD Guilla"

Bem casados

Marcos Naime Pontes

Website

Juliano Luiz Fernandes

Liziane Sutile

Mande suas críticas e sugestões para
a Revista Rosa

contato@revistarosa.com.br